



Fecundidade e nupcialidade em Moçambique: análise de calendários

Autora: Sónia Cardoso

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa / Departamento de Sociologia

Email: sonia.cardoso@iscte.pt

Fertility and nuptiality in Mozambique: calendar analysis

Resumo:

Este artigo, centrado no caso moçambicano, incidirá na análise do calendário da fecundidade à luz do que se considera ser uma das condições demográficas prévias à quebra dos valores fecundos: a limitação dos casamentos. As alterações ao nível dos padrões nupciais terão uma significação abrangente que se articula e, sobretudo, revela as transformações da vida familiar, da relação entre os sexos e do próprio estatuto da mulher. Considerando que as alterações incidirão, antes de mais, no valor do calendário e, só posteriormente, na intensidade, e sabendo que Moçambique é um dos poucos países africanos que viu rejuvenescer o seu calendário nupcial, centrar-nos-emos, exactamente, na análise do calendário de ambos os fenómenos.

Palavras Chave: Moçambique, Fecundidade, Nupcialidade, Calendário.

Abstract

This article, based in the Mozambique case, will focus in the analysis of the fertility calendar in face of what's considered to be one of the previous demographic conditions to the fertile values breakdown: the weddings limitations. The changes of the standard nuptial patterns will have a broad meaning, which bodes well and, above all, reveals the changes in the family living, from the sex relationships and from the female own status. Considering that the changes will focus, before any further considerations, in the calendar value and, only later, in the intensity, and knowing that Mozambique is one of the few Africans countries, which saw the re-birth of its nuptial calendar, we will focus, precisely, in the analysis of both phenomena calendar.

Key words: Mozambique, Fertility, Nuptiality, Calendar.

1. Fecundidade e nupcialidade em África

O continente africano será o último a ver a sua população estabilizar-se. Com efeito, a emergência de comportamentos de maior controlo na fecundidade começa a fazer-se notar mas ainda em contextos muito específicos, nomeadamente nas capitais de alguns países. Em termos gerais, os níveis do indicador conjuntural da intensidade da fecundidade mantêm-se elevados, assumindo valores de 5 a 8 filhos por mulher, em média. Esta forte fecundidade, conjugada com uma diminuição da mortalidade, explica a aceleração do crescimento demográfico das populações africanas entre meados e o final do séc. XX, atingindo, mais recentemente, os níveis mais elevados¹ (Hertrich, 1996, p.1 e 2).

Foi, exactamente, a quebra da mortalidade – encetada no início dos anos 1930, que se intensificou a partir dos anos 50 e se estendeu por todo o continente africano, graças aos progressos médicos, com a introdução de vacinas e antibióticos – a romper o equilíbrio relativo do regime demográfico antigo, definindo o início da transição demográfica (Hertrich, 1996; Locoh, 2002 ; Thiriat, 1998).

Pelo princípio da Teoria da Transição Demográfica², esta quebra nos valores da mortalidade deverá ser seguida de uma diminuição da fecundidade no sentido de um estado de semi-equilíbrio entre fracos níveis de mortalidade e fecundidade. Este modelo de regulação demográfica foi o seguido pelos países ocidentais e em muitos países em desenvolvimento mas tarda a generalizar-se na região da África subsariana, pela pouca adesão das populações a um padrão de restrição deliberada da descendência (Hertrich, 1996; Thiriat, 1998).

Analisando a fecundidade por grandes regiões africanas, Locoh distingue o Oeste Africano, como a região com os mais altos níveis de fecundidade de todo o Continente, com países a atingir descendências superiores a 6,5 filhos por mulher.³ Na região do Leste africano, identificaram-se também países de forte fecundidade⁴, sendo a região da África Central a que apresentava os níveis mais baixos de fecundidade⁵. Em cada região e país podem encontrar-se sub-regiões que se pautam por padrões de infecundidade acentuada que, entre outras razões, pode dever-se à presença epidémica de doenças esterilizantes (Locoh, 1984, p.6).

Já em 2002, Locoh afirma que a África subsariana⁶ entrou na segunda fase da transição demográfica, a de uma quebra progressiva da fecundidade. Foi apenas desde meados dos anos 80 que esta quebra se tornou evidente em vários países da região da África subsariana, como o Botswana, o Quênia e o Zimbábue. Estas primeiras quebras eram essencialmente devidas à mudança de comportamento da minoria de mulheres que viviam nas cidades e com maior nível de escolaridade. Mas, progressivamente, a quebra da fecundidade atingiu, se bem que a diferentes níveis e com amplitudes diferentes, um maior número de países e de subregiões, nomeadamente alguns contextos rurais, por todo o continente africano (Locoh, 2002, p.3).

Na verdade, apesar da persistência do regime de fecundidade característico do Antigo Regime, é cada vez mais evidente que a inversão da tendência se vai expandindo pelo conjunto da região africana. Essa tendência geral de recuo da fecundidade assume amplitudes variáveis em função dos países. É perceptível nos países do Sahel, muito visível na África Austral e desigual nos países da África de Leste e Oeste. No interior de cada país, o declínio da fecundidade varia fortemente segundo o local de residência e o nível de instrução das mulheres⁷ (Hertrich, 1996, p.2; Locoh, 2002, p.3).

¹ A taxa de crescimento médio anual, em África estimava-se em menos de 0,1% no período 1750-1850, 0,4% entre 1850-1900 e 1,0% no período 1900-1950. Entre 1950 e 1955, o crescimento médio anual cifrava-se nos 2,2%, ultrapassando no final do séc.XX os 3% (El-Badry, 1991 em Hertrich, 1996, p.1).

² Para um aprofundamento das questões em torno da Teoria da Transição Demográfica, v. Bandeira (1996a, 1996b)

³ Estes níveis encontram-se em países como o Bénin, a Guiné, o Burkina-Faso, o Mali, o Niger e o Togo.

⁴ O Quênia, o Malawi, o Uganda, o Ruanda, a Zâmbia e o Zimbábue eram os países daquela região que apresentavam os níveis de fecundidade mais elevados, com descendências iguais ou superiores a 6,5 filhos por mulher. Na mesma região, as ilhas – Camarões, Madagascar, Seychelles, Maurícias e Reunião – eram as que apresentavam uma menor fecundidade, sentida desde a década de 1960. Os restantes países situar-se-iam em níveis entre os 5,7 e 6,4 filhos por mulher.

⁵ A autora refere-se à falta de informação quanto aos países lusófonos e apresenta o Zaire como o país que ultrapassa os 6 filhos por mulher, de entre todos os que disponibilizam informação sobre os seus comportamentos fecundos.

⁶ Por África subsariana, entendamos o conjunto dos países africanos, com excepção da África do Sul e dos países do Norte de África: Egipto, Líbia, Marrocos, Tunísia e Argélia.

⁷ Locoh apresenta como países de fecundidade intermédia (ICF já com níveis inferiores a 5 filhos por mulher) o Gana, o Quênia e o Zimbábue (países para os quais se conhece informação mais completa e comparável, relativa a datas sucessivas), África do Sul (3,1), Botswana (4,9), Comores (4,6) e Gabão (4,5) (países com informação referente apenas a um ano ou período). Países ou regiões do oeste africano, identificados como sendo os que protagonizam uma descida mais lenta da fecundidade são, entre outros : Mali, Niger, Burkina-Faso, Costa do Marfim, Nigéria, Camarões e Togo (Locoh, 2002, p.3).

Estes factores são também critérios de diferenciação dos níveis assumidos pelos indicadores de nupcialidade. Desde a década de 1960 foi possível identificar padrões regionais de nupcialidade, apesar das características de casamento quase universal e precoce, sobretudo para as mulheres do continente africano.

Assim, vem-se registando uma diferença de idades entre cônjuges particularmente acentuada na África Ocidental, com as mulheres a casar particularmente cedo (em média, antes dos 17,5 anos) e os homens tarde (em média depois dos 26 anos), para o que concorre a forte adesão a práticas poligâmicas, nesta região. Numa situação intermédia, encontramos a região do Norte, Centro e Leste Africano, com idades médias ao casamento superiores nas mulheres e inferiores nos homens, face ao exemplo referido e com uma menor incidência da poligamia. Na África Austral, a situação é oposta à do Oeste Africano, encontrando-se aí níveis de celibato definitivo não negligenciáveis (superiores a 5%) e uma idade média ao casamento mais elevada para os dois sexos (entre 20 e 23 anos para as mulheres e entre 26 e 30 anos para os homens) (Hertrich e Pilon, 1997).

De então para cá, as diferenças regionais vêm-se esbatendo, sendo que, se, por um lado, o celibato se mantém marginal, por outro, em todas as regiões se regista um aumento de, pelo menos, 0,5 anos por década da idade média das mulheres no casamento, à excepção de quatro países – Cabo Verde, Burundi, Comores e Moçambique – onde se verifica antes um rejuvenescimento da idade ao casamento. A mais rápida subida do indicador sintético do calendário da nupcialidade no caso feminino propicia uma diminuição da diferença de idades entre cônjuges (em três décadas a diferença de idades entre cônjuges superior a 6 anos, que se registava em dois terços dos países, passou a vigorar em apenas um terço), o que, por si, se revela favorável à diminuição da poligamia mas que pode indiciar novas formas de organização familiar que mantenham viáveis as práticas adquiridas (Hertrich e Pilon, 1997, p.2).

Às alterações no calendário da nupcialidade feminina associam-se sobretudo factores como o prolongamento da escolaridade e a crise económica nas cidades – que limita a possibilidade de instalação dos casais ou mesmo a possibilidade de pagar a compensação matrimonial à família da noiva. Nos meios rurais, a crise que motiva a saída dos jovens rumo aos centros urbanos é, também aí, um factor que, indirectamente, propencia o retardar da entrada em união. O adiamento no casamento, motivado pelo prolongamento dos estudos pode, no entanto, funcionar tão só como o refinamento das estratégias enraizadas de aquisição de dote ou compensação matrimonial por parte das famílias, na medida em que o investimento na educação das filhas é superior. Uma forma de ajustamento dos modelos tradicionais à emergência de novas condições sociais (Hertrich e Pilon, 1997).

Ora, assumida a alteração no calendário da nupcialidade, sobretudo feminino, até que ponto é visível uma implicação dessas mudanças nos padrões da fecundidade? A resposta não é linear e para ela concorrem, para além de outros calendários demográficos, toda a organização da estrutura familiar.

No Norte de África, região africana mais avançada no processo de transição da fecundidade, a alteração nos padrões do calendário da nupcialidade conjugou-se muito claramente com um atraso na entrada na vida fecunda. As gerações do início da década de quarenta e as nascidas cerca de 20 anos depois apresentam diferenças de entrada quer na nupcialidade quer na fecundidade de cerca de 5 anos (as mais velhas com idades médias de entrada na nupcialidade e fecundidade, respectivamente, de 16,3 e 18,6 e as mais novas de 21,2 e 23,3). Nesse contexto, a fecundidade atingida nas idades mais jovens sofre um recuo muito considerável (diminui cerca de 4 vezes até aos 20 anos e entre os 20 e 24 passa para metade) (Hertrich e Pilon, 1997, p. 3).

Já no caso da restante região africana, nomeadamente a designada África subsariana, a relação entre os dois fenómenos é mais modesta, podendo mesmo encontrar-se uma verdadeira desconexão entre os dois calendários (casos de Lomé, capital do Togo, e dos países da Costa do Marfim, Quênia e Senegal, entre outros) que dita o aumento de nascimentos fora do casamento associado a idades no primeiro nascimento inferiores à idade no casamento (Hertrich e Pilon, 1997, p. 3).

Este artigo, centrado no caso moçambicano, incidirá na análise do calendário da fecundidade à luz do que se considera ser uma das condições demográficas prévias à quebra dos valores fecundos: a limitação dos casamentos. As alterações ao nível dos padrões nupciais terão um significado abrangente que se articula e, sobretudo, revela as transformações da vida familiar, da relação entre os sexos e do próprio estatuto da mulher. Considerando que as alterações incidirão, antes de mais, no valor do calendário e, só posteriormente, na intensidade, e sabendo que Moçambique é um dos poucos países africanos que viu rejuvenescer o seu calendário nupcial (Hertrich e Pilon, 1997), centrar-nos-emos, exactamente, na análise do calendário de ambos os fenómenos.

A análise centra-se, como referido, em Moçambique, país de língua oficial portuguesa da região leste africana. As razões que nos levaram a seleccionar este país articulam-se em dois critérios. O primeiro tem que ver com a produção científica, a nível demográfico, existente até ao momento, sobre a realidade a estudar. O segundo prende-se, sobretudo, com a riqueza da informação para a análise empírica.⁸

2. Aspectos metodológicos

2.1. O Inquérito IDS

Para o desenvolvimento empírico da investigação que está na base do artigo que se apresenta, obtiveram-se os dados resultantes da aplicação do designado Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS), aplicado em Moçambique, em 1997.

O Inquérito Demográfico e de Saúde faz parte de um “programa internacional de inquéritos desenvolvido pela Macro International Inc., através de um contrato com a USAID – Washington” que concede apoios aos governos e instituições privadas dos países em desenvolvimento, na realização de inquéritos nacionais por amostragem, nas áreas da população e saúde. A funcionar desde 1984, o programa estende-se já a mais de 60 países da América Latina, África, Ásia e Leste Europeu (Gaspar *et al.*, 1998, p.ii).

Os objectivos do inquérito, nomeadamente aquele que foi aplicado, em 1997, em Moçambique, passavam por: “Subsidiar a formulação de políticas e implementação de programas nas áreas de população e saúde; aumentar a base internacional de dados sobre população e saúde para acompanhamento e avaliação e consolidar a capacidade técnica do pessoal do INE e do MISAU [Ministério da Saúde] em matéria de inquéritos por amostragem.” (Gaspar *et al.*, p.11) As informações recolhidas pelos inquéritos IDS referem-se, essencialmente, às questões da fecundidade, saúde materno-infantil e características sócio-económicas da população entrevistada (Gaspar *et al.*, p.xvii).

2.2. Opções metodológicas

A recolha da informação deu-se através da aplicação de questionários de três tipos – questionário de agregados familiares, questionário de mulheres e questionário de homens – nos agregados familiares. A amostra foi desenhada no sentido de ser representativa a três níveis: nacional, provincial e quanto ao meio de residência (urbano-rural), prevendo contemplar 9000 entrevistas a mulheres com idades entre os 15 e os 49 anos completos e um terço dos homens⁹, com idades entre os 15 e os 64 anos, dos agregados visados. Da previsão inicial, quanto ao número de entrevistas realizadas a mulheres, resultou a consulta a 8779 inquiridas (Gaspar *et al.*, p.12 e 13), tendo todo o processo sido iniciado em Julho de 1996, altura da actualização cartográfica e listagem dos agregados familiares, e a aplicação final dos questionários decorrido entre Março e Julho de 1997 (Gaspar *et al.*, p.xvii).

O tratamento dos dados para o presente estudo, após a obtenção¹⁰ da base de dados relativa ao IDS aplicado em 1997, permitiu os cálculos de taxas específicas, a construção de tábuas demográficas (resumidas), e o cálculo de indicadores associados ao calendário e intensidade da fecundidade e nupcialidade, quer nos casos de análises longitudinais, quer transversais. Na construção das tábuas demográficas, considerámos as taxas específicas de 2.^a categoria que são, por definição, equivalentes aos acontecimentos de uma tábua¹¹.

⁸ Cf. Cardoso (2004, 1-3).

⁹ Esta análise, contudo, deixou de lado os resultados do inquérito aos homens, não por falta interesse dessa exploração mas por limitações definidas *a priori* para este estudo, que se definiu centrado apenas no inquérito às mulheres pela possibilidade de aprofundamento do estudo que o material, em bruto, permitia. No entanto, seria de toda a pertinência a articulação e a leitura, em paralelo, dos inquéritos a homens e mulheres o que ficará, desde já, como recomendação para trabalhos futuros.

¹⁰ Junto da Macro International Inc. – DHS Program.

¹¹ Pelo que os acontecimentos resultam do produto entre a taxa e amplitude dos intervalos etários, neste caso 5, na medida em que as taxas têm uma dimensão anual e a observação dos acontecimentos ocorre ao longo de 5 anos.

3. O país

Moçambique, país situado na faixa sul-oriental do continente africano, faz fronteira com a Tanzânia (a Norte), com o Malawi, a Zâmbia, o Zimbabwe e a Swazilândia (a Oeste) e com a África do Sul (a Oeste e a Sul). A Este, é banhado pelo Oceano Índico.

O *Relatório de Desenvolvimento Humano 1997* (RDH 1997) publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), classificava Moçambique, ao nível do Índice de desenvolvimento Humano (IDH) como o 116º em 175 países, colocando este país no conjunto dos sete em que a pobreza humana afecta mais de 50% de toda a população (através do Índice de Pobreza Humana: IPH). Estes indicadores são reveladores de uma profunda crise económica que resultou de sucessivas recessões económicas; de uma situação política e militar muito instável (um conflito armado assolou o país durante década e meia); de um conjunto de factores climáticos desfavoráveis, particularmente a seca, com fortes implicações na agricultura, que absorve a maior parte dos recursos humanos do país e de cuja produção depende grande parte da população.

Na década de 1990, implementou-se uma reforma económica, concretizada através de um crescente controlo dos mecanismos económico-financeiros e da reactivação da produção nacional. Os resultados têm-se reflectido no forte controlo da inflação e das taxas de câmbio, no aumento do PIB per capita (de 1,4% em 1995, para 6,4% em 1996), na recuperação e consolidação da actividade agrícola e industrial, no aumento das exportações e no crescente investimento (interno e externo) no país.

Consideramos onze, as províncias de Moçambique, a analisar ao longo do trabalho, apresentadas em função da sua localização geográfica, do Norte para o Sul do país. São elas: a Norte, Niassa, Cabo Delgado e Nampula; ao Centro, Zambézia, Tete, Manica e Sofala; a Sul, Inhambane, Gaza, Maputo e Cidade de Maputo. Esta última, não sendo uma região, pela particularidade da suas características, merece ser tratada isoladamente, facto já considerado na recolha e disponibilidade da base de dados.

As regiões mais populosas, nomeadamente, Nampula e Zambézia, situam-se no Norte e Centro do país. Com efeito, as suas populações representavam 19,48% e 18,43% do total dos 15.278.334 indivíduos recenseados em Moçambique, em 1997.

Quadro 1

População residente em Moçambique, por província, e proporção face ao total do país, 1997		
Província	População	Proporção (%)
Niassa	756 287	4,95
C. Delgado	1 287 814	8,43
Nampula	2 975 747	19,48
Zambézia	2 891 809	18,93
Tete	1 144 604	7,49
Manica	974 208	6,38
Sofala	1 289 390	8,44
Inhambane	1 123 079	7,35
Gaza	1 062 380	6,95
Maputo	806 179	5,28
Cid. Maputo	966 837	6,33
Total país	15 278 334	100

INE, II Recenseamento Geral da População e Habitação. Resultados Definitivos – Moçambique, INE, Maputo, Agosto de 1999

As restantes províncias, Cidade de Maputo incluída, equilibram-se entre os 5% (Niassa e Maputo) e os 8% (Cabo Delgado e Sofala) de peso na população total. Quando avançamos para os valores da densidade populacional, contudo, verificamos que a região do Sul é a que regista mais habitantes por Km² (23 hab/Km²) seguida da do Centro (20 hab/Km²) e, só depois da do Norte do país (17,4 hab/Km²), segundo os resultados decorrentes do censo de 1997.

A análise das características das inquiridas de cada região revelou-se pertinente quando considerámos variáveis como o meio de residência (urbano/rural)¹², a religião e o grau de escolaridade. Estes factores revelaram¹³, com efeito, disparidades regionais que, a outros níveis, também se mostraram discriminantes de características e comportamentos.

¹² No inquérito IDS, considerou-se “população urbana”, a que residia nas cidades mais importantes de cada província (Gaspar *et al.*, p.16).

¹³ Para uma caracterização aprofundada das mulheres inquiridas, v. Cardoso (2004, 109-124).

4. A fecundidade por geração

Pequena introdução e questões de carácter metodológico

Centrando a análise numa perspectiva longitudinal, e considerando a fecundidade como fenómeno renovável, isto é, sem distinção da ordem de nascimento dos filhos, vamos, neste artigo, aprofundar a análise dos calendários fecundos dos diferentes grupos de gerações considerados (definiram-se grupos quinquenais, desde o grupo geracional mais velho – 1948-52, ao mais novo – 1978-82), entrando, também, em linha de conta com a região ou província de residência, na medida em que esta variável congrega, em si mesma, diferenciações importantes na caracterização das inquiridas, que poderão ajudar a estruturar os seus calendários fecundos.

Para a análise, partimos do cálculo de taxas específicas de fecundidade geral, de segunda categoria (os efectivos das inquiridas em cada geração consideraram-se os efectivos médios totais para o cálculo das taxas em todas as idades), que permitiram a construção de tábuas brutas resumidas de fecundidade geral.

O grupo etário quinquenal em que decorre, à altura do inquérito, a fase procriativa das inquiridas não será considerado no calendário, na medida em que os valores aí apresentados não serão ainda os correspondentes a uma versão definitiva, por nem todas as mulheres terem alcançado a idade correspondente ao limite superior dessa classe etária.

4.1. Calendário por geração – resultados diferenciais da análise da fecundidade

Considerando o calendário¹⁴ da fecundidade de todos os grupos geracionais¹⁵ abordados no estudo, em cada uma das províncias do país, é possível perceber, numa primeira abordagem, que há uma tendência generalizada no conjunto das províncias, e que parece sistematizada no calendário de Moçambique, para, por um lado, os acontecimentos se concentrarem, sobretudo nas classes etárias 20-24 e 25-29 anos exactos e, por outro, serem as gerações mais velhas a protagonizar o maior número de acontecimentos em cada grupo etário quinquenal. Mas esta leitura, para além de breve, revela-se muito simplista. Aprofundemo-la um pouco mais.

Quadro 2

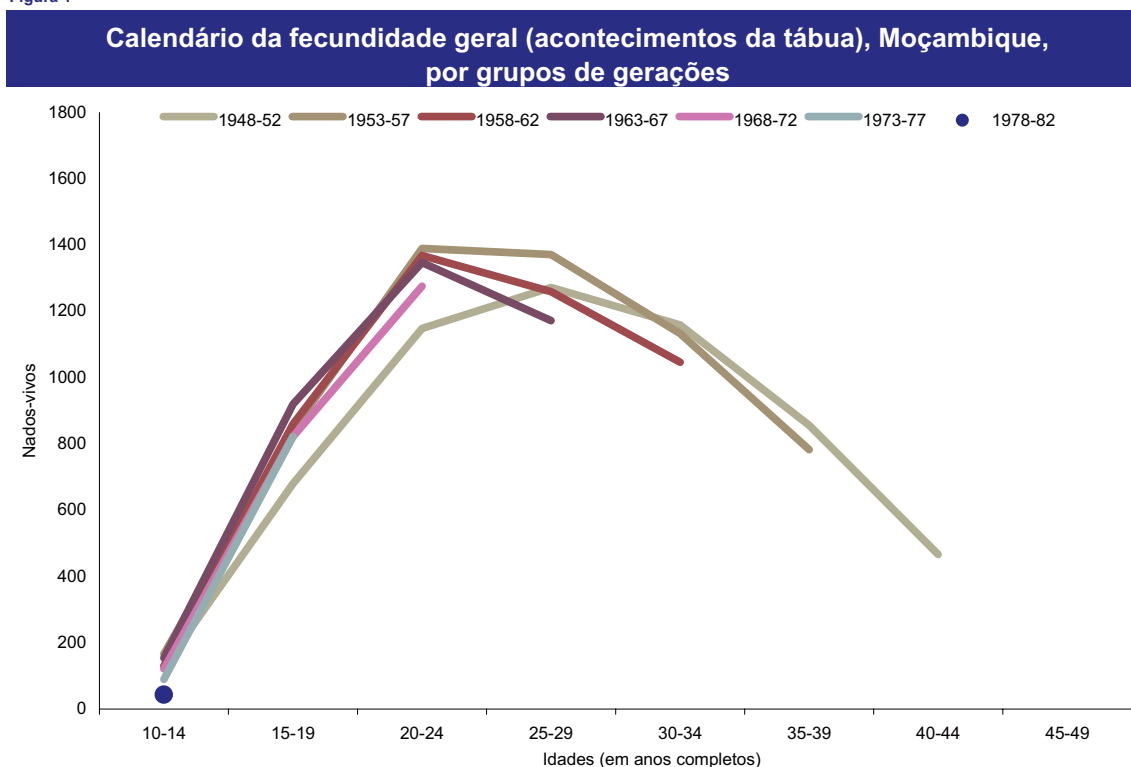
Calendário da fecundidade geral (acontecimentos da tábua), Moçambique, por grupos de gerações							
Idades	Grupos de gerações						
	1948-52	1953-57	1958-62	1963-67	1968-72	1973-77	1978-82
10-14	128	166	131	154	121	90	43
15-19	680	844	860	920	822	823	
20-24	1 148	1 390	1 369	1 347	1 276		
25-29	1 272	1 372	1 259	1 172			
30-34	1 159	1 133	1 047				
35-39	856	783					
40-44	466						
45-49							

Com efeito, olhando para o conjunto do país, encontramos a excepção no grupo de gerações mais velho (1948-52). Na verdade, enquanto em todos os restantes grupos de gerações, o maior número de acontecimentos se dá entre os 20 e os 24 anos completos, o grupo de mulheres mais velhas protagonizou um comportamento como que simétrico ao longo das idades, situando-se o ponto de inversão nos 25-29 anos completos. Isto é, aquele grupo etário é o que concentra mais nascimentos sendo que nos anteriores e posteriores, os acontecimentos aumentam e diminuem, respectivamente, de forma linear, encontrando-se, assim, algum equilíbrio entre o número de acontecimentos e a sua distribuição ao longo das idades que antecedem e sucedem os 25-29 anos. Este grupo de gerações concentra, face às restantes gerações consideradas, em dois grupos etários, dos mais velhos (30-34 e 35-39), o maior número de acontecimentos.

¹⁴ O calendário demográfico reporta-se à distribuição dos acontecimentos de uma tábua, ao longo das idades dos indivíduos, em que vão ocorrendo. Uma tábua descreve a forma como os riscos e os acontecimentos se sucedem ao longo das idades.

¹⁵ Entende-se por geração o conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano civil (Bandeira, 2004, p.125). No caso do presente estudo, agrupámos a população inquirida em grupos quinquenais, contemplando, cada um, um conjunto de cinco gerações diferentes.

Figura 1

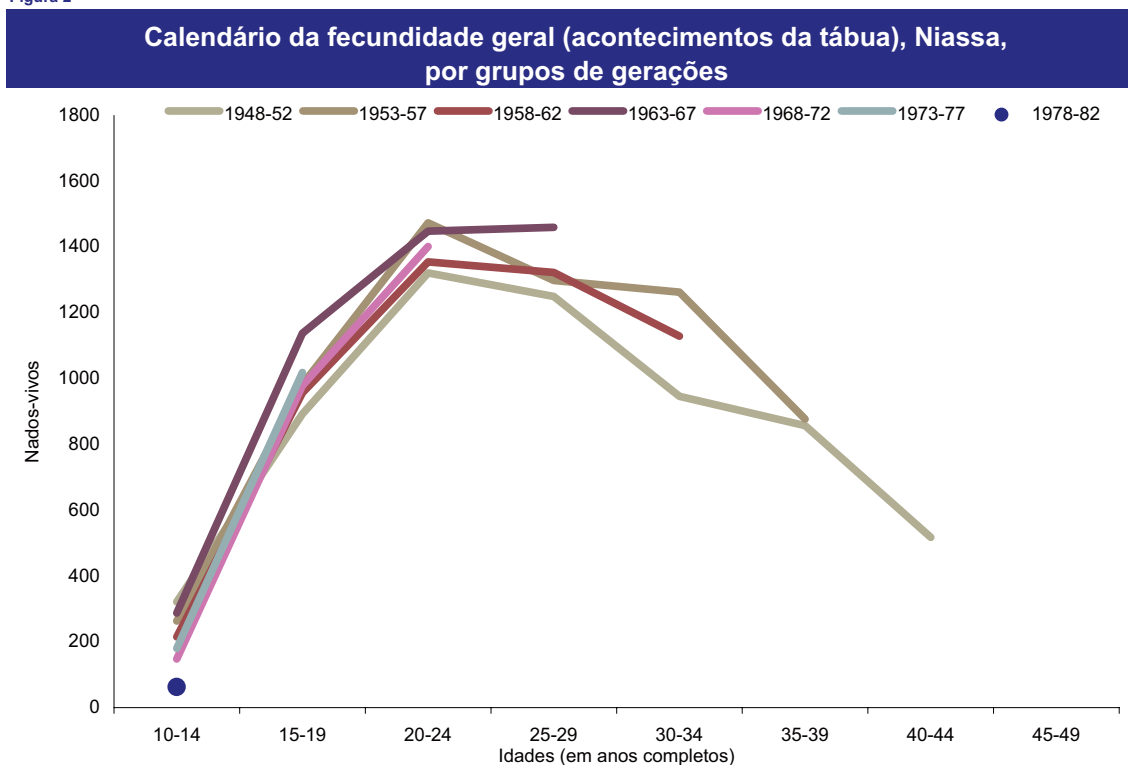


O que, de resto, reforça a constatação seguinte que vai no sentido de que os restantes grupos de gerações parecerem concentrar um maior número de acontecimentos nos grupos de idades mais jovens face aos mais velhos, perdendo-se, assim, o equilíbrio constatado no primeiro grupo. Inclusivamente, todos os restantes grupos para os quais existe informação, concentram mais nascimentos no grupo etário anterior ao do primeiro conjunto de gerações, isto é, entre os 20 e os 24 anos completos. Simultaneamente, parece poder dizer-se que quanto mais se recua nos grupos etários (dos mais velhos para os mais jovens) mais se concentram os acontecimentos nos grupos etários mais jovens também (à excepção do grupo etário 10-14 anos completos).

Quando nos concentramos nas diferentes províncias, a análise complexifica-se pelos maiores desequilíbrios encontrados.

Na verdade, e começando por Niassa, será possível, desde logo, ensaiar uma divisão entre grupos de gerações em função de algumas características das suas fecundidades. E, apesar da pouca informação que temos para as gerações mais jovens, que poderão assumir comportamentos diferentes dos previstos, agruparíamos, de um lado, os três conjuntos de gerações mais velhos e, de outro, os 4 mais jovens. As diferenças estarão, essencialmente, na concentração de mais nascimentos nas idades mais jovens dos grupos mais jovens, sendo que os grupos mais velhos, apesar de terem, como grupo etário com maior frequência de acontecimentos, o dos 20 aos 24 anos completos (um dos grupos etários iniciais), concentram, depois, a maior fatia de acontecimentos mais nas classes seguintes do que nas anteriores. O que parece articulado, de alguma forma, com uma entrada mais tardia na fecundidade, mas com recuperação da intensidade nas idades mais avançadas (os segundos grupos etários com mais acontecimentos são os de 25-29 e 30-34 anos completos) ditando um calendário “pesado” até ao fim da carreira procriativa.

Figura 2



As inquiridas das gerações mais jovens (definimo-las a partir do grupo de 1963-67, que parece ser o que marca a transição), então, procriam mais do que as suas antecessoras nas idades mais jovens, nomeadamente entre os 15 e os 19 anos, e essa maior concentração de nascimentos arrasta-se até ao grupo etário dos 25 aos 29 anos completos (para as gerações 1963-67, para as restantes mais jovens não há informação a partir de idades anteriores). Ora, esta antecipação da procriação poderá, de alguma, forma, estar associada à antecipação da idade no casamento verificada para Moçambique, o que, mais uma vez, reforçará os laços estreitos entre fecundidade e nupcialidade e a importância da nupcialidade para legitimar a entrada numa carreira reprodutiva. Sendo que a intenção de antecipar a procriação (favorecida, eventualmente, por melhores condições económicas, sociais ou sanitárias para o efeito) poderá ditar a, já constatada, entrada mais precoce no casamento.

Os três grupos de gerações que considerámos mais velhos (1948-52, 1953-57 e 1958-62) atestam ainda outra particularidade que os distingue dos restantes. A curva dos seus calendários sofre um decréscimo, ou uma estagnação, em idades em que nos outros grupos se registam acréscimos de nascimentos face a idades anteriores. Esse retrocesso ou impasse reprodutivo manifestado, se feita a correspondência entre idades das gerações e os anos de observação (o que se operacionaliza no que se designa de diferença de milésimos), terá ocorrido, fundamentalmente, no período de 1978 a 1986. Ora, para essa “infecundidade” verificada nessas gerações poderá ter concorrido uma grave crise diagnosticada a vários níveis, nomeadamente ao nível económico.

Com efeito, à altura da independência política de Moçambique, em 1975, o país “herdava um desenvolvimento dos recursos naturais fraco e uma grande pobreza de capital humano qualificado, mesmo quando comparado com outros países da África Austral”. A economia da altura era largamente dependente de “receitas provenientes dos serviços de ferro-portuários e dos contratos de fornecimento de mão-de-obra barata para os países vizinhos” (*in* Gaspar *et al.*, 1998, p.3). O período pós-independência foi, também, marcado por uma recessão económica profunda, apesar da introdução de novas políticas com medidas como a nacionalização dos principais meios de produção e infra-estruturas económicas e sociais e a concepção da agricultura (que absorvia e absorve a maior parte dos recursos humanos do país) como a base do desenvolvimento e a indústria como factor dinamizador do país.

À recuperação da recessão instalada, não ajudaram, na década de 1980, por um lado, um conjunto de factores climáticos desfavoráveis (como a seca) e, por outro, a instabilidade política e militar. “A produção agro-pecuária decresceu para níveis alarmantes e a sobrevivência duma parte significativa da população passou a depender da ajuda alimentar externa. O conflito armado que assolou o país, durante cerca de uma década e meia, não só destruiu infra-estruturas económicas e sociais, como também não permitiu uma consolidação dos programas de saúde e de educação iniciados nos primeiros anos de independência. No início da década de 90, o Banco Mundial classificou Moçambique como o país mais pobre do mundo, pois o seu rendimento *per capita* tinha

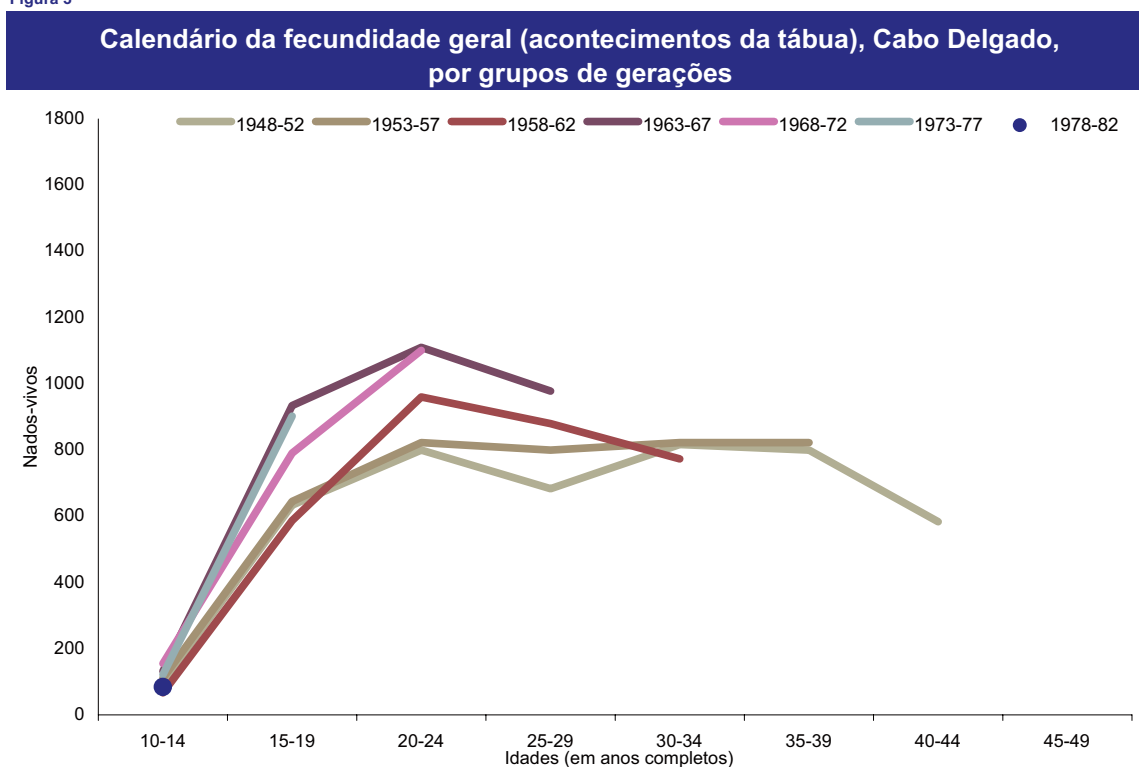
decrecido para cerca de 80 US dólares”, contra os 129 US dólares que caracterizavam o país em 1960 (*in* Gaspar *et al.*, 1998, pp.3-5).

Poderão, certamente, estes factores ter comprometido as reais intenções de fecundidade de populações que, numa lógica de racionalidade procriativa, não terão encontrado viabilidade para, em determinadas idades, se reproduzirem, tendo, mais tarde, em idades posteriores, recuperado, de algum modo, a descendência, numa lógica de fecundidade tardia que, embora distorcesse o modelo de calendário, tentaria minimizar os riscos associados à intensidade.

De referir que, sendo Niassa uma região do Norte do país, com uma muito forte proporção de população rural, e tendo sido as actividades agrícolas largamente penalizadas pelos factores referidos, é compreensível a maior incidência desses factores na fecundidade das mulheres em idade de procriar nesse período nas gerações referidas. O grupo de gerações mais velhas terá sido o mais penalizado, na medida em que é aquele, nos três considerados, que, à excepção do grupo etário 10-14 anos completos, regista menos nascimentos em todas as classes etárias, o que terá repercussões ao nível da descendência final das gerações, face às dos restantes dois grupos.

Avançando para a província de Cabo Delgado, a província situada mais a Norte do país, fazendo fronteira com o Oceano Índico, bastante ruralizada – como Niassa e, sobretudo, todas as províncias a Norte do rio Zambeze – constatamos que esta é, sem sombra de dúvida, a região de Moçambique onde se registam menos nascimentos, em todos os grupos de gerações e em todos os grupos etários.

Figura 3



O que, consequentemente, terá fortes implicações nas descendências das gerações, ao nível da intensidade da fecundidade. Essa menor fecundidade em todas as idades é, sobretudo, perceptível nos três grupos que considerámos mais velhos sendo que, nas gerações mais jovens e, essencialmente, nas de transição (1963-67) temos uma frequência de acontecimentos, em todas as idades para as quais dispomos de informação, superior às de todos os grupos geracionais. O que parece querer indicar o início da superação da crise a partir desses grupos de inquiridas, com a recuperação de nascimentos do que resulta um calendário de nascimentos reforçado e apresentando uma curva mais consentânea com a do conjunto do país, assim como uma tentativa de aproximação dos valores de fecundidade. Os grupos mais velhos, sobretudo os primeiros dois (1948-52 e 1953-57) apresentam, a partir dos 20 anos (o grupo 20-24 anos é o que regista mais acontecimentos em todos os grupos geracionais) uma verdadeira estagnação, se não recuo, na distribuição dos acontecimentos pelas idades, o que não tem recuperação até ao fim da carreira reprodutiva. A recuperação das gerações mais jovens não é ainda suficiente

para acompanhar as fecundidades das restantes regiões, tal era o desfasamento existente entre os grupos mais velhos desta e das restantes regiões.

Figura 4

Calendário da fecundidade geral (acontecimentos da tábua), Nampula, por grupos de gerações

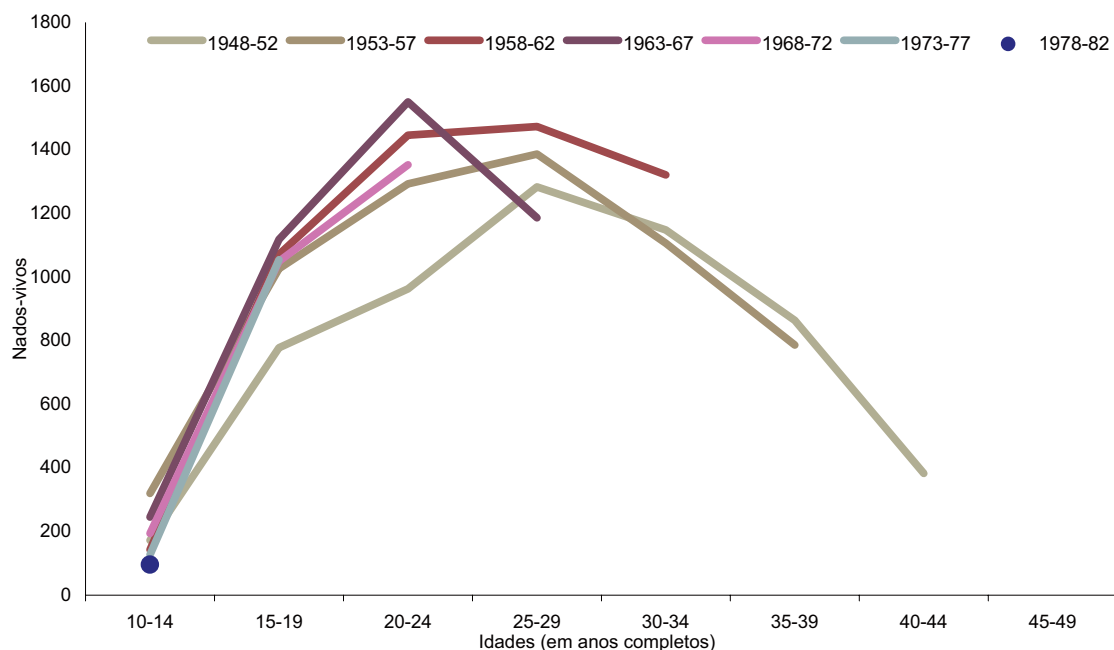
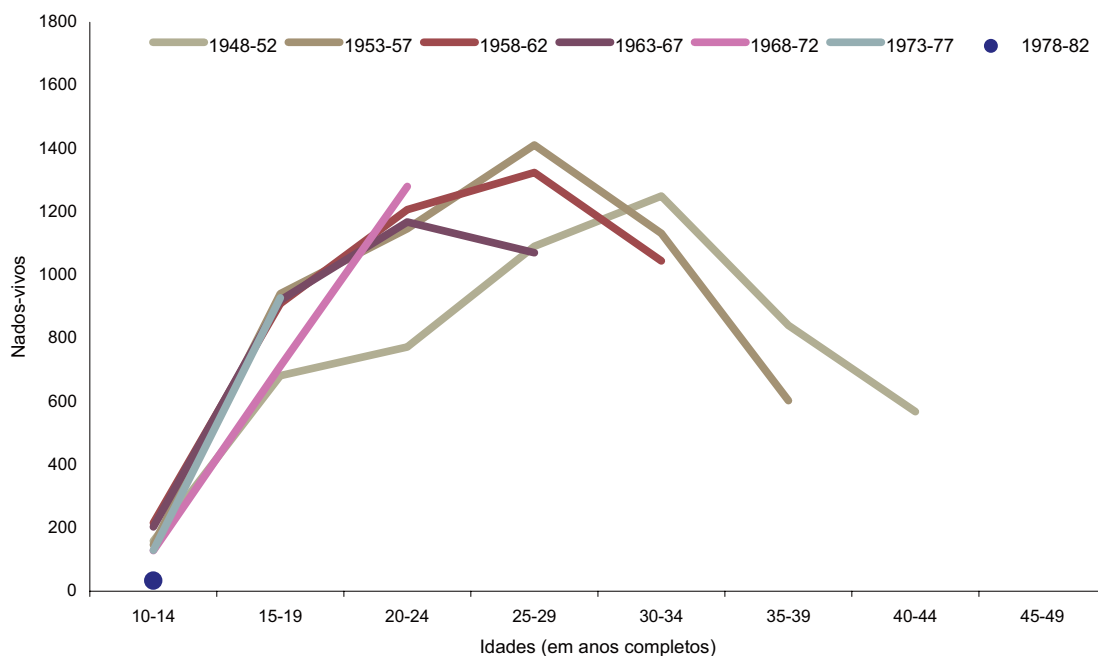


Figura 5

Calendário da fecundidade geral (acontecimentos da tábua), Zambézia, por grupos de gerações



Nampula (Norte) e Zambézia (Centro), ambas regiões situadas ainda a Norte do rio Zambeze e ambas, como Cabo Delgado, províncias costeiras, apresentam algumas tendências comuns. Em primeiro lugar, apresentam níveis de fecundidade superiores aos de Cabo Delgado e mais próximos dos de Niassa, ao longo das idades das mulheres. Por outro lado, parecem destacar-se da descrição feita para Niassa na medida em que também apresentam sinais de crise (isto é, de quebras aparentemente “atípicas” na curva da fecundidade ao longo das

idades) nas mesmas gerações (os três grupos mais velhos) mas mais cedo (sobretudo entre os 20 e os 24, mas também entre os 25 e os 29 anos completos das gerações de 1948-52, o que corresponderá ao período que vai desde o final da década de 1960 – altura em que vigorava ainda o regime colonial – até ao início dos anos oitenta) e sendo aqui o grupo mais afectado o das gerações mais velhas, evidenciando os dois seguintes, já, sinais de recuperação, com aumento substancial dos valores nas diferentes idades.

As gerações mais jovens revelam-se mais fecundas, sobretudo nas idades também mais jovens, o que evidencia uma progressiva recuperação de nascimentos desde a altura de maior quebra – o caso da Zambézia é, contudo, significativamente menos expressivo face ao de Nampula.

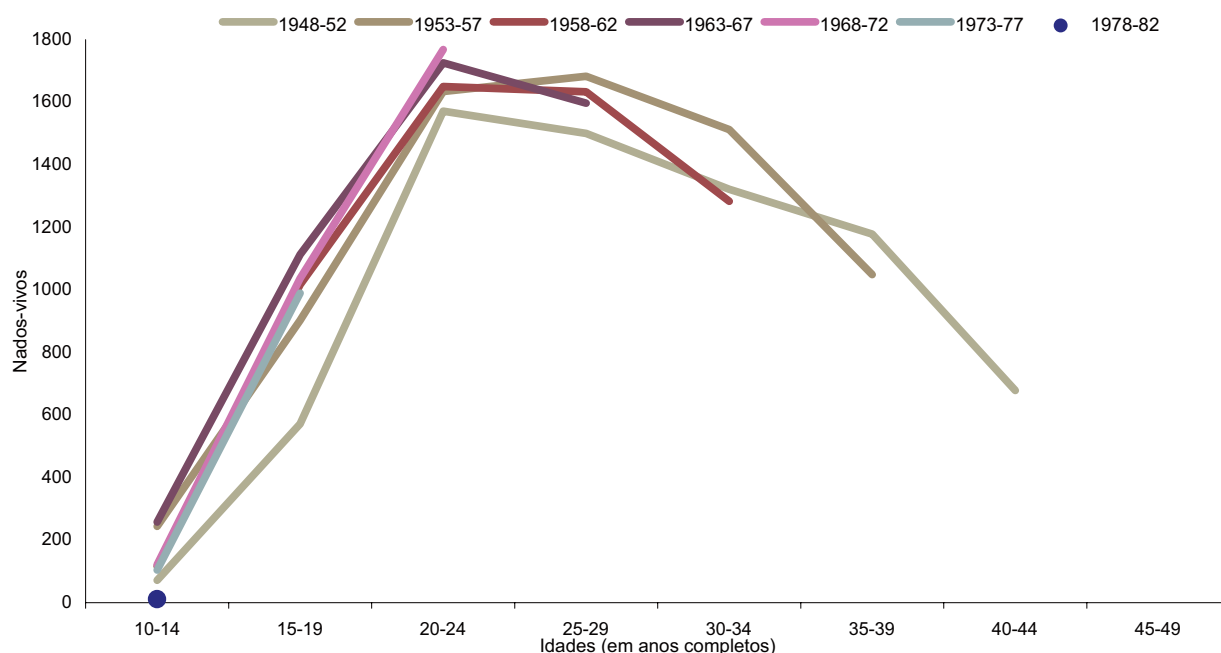
Assim, encontramos uma maior concentração de acontecimentos nas gerações mais jovens (e, apesar da informação não existir aqui para todas as idades, parece registar-se também um maior equilíbrio na distribuição dos acontecimentos ao longo dos grupos etários) nas idades mais jovens e nas gerações mais velhas nas idades mais velhas, sendo que a classe etária em que se regista o maior número de acontecimentos em cada grupo de gerações diminui com o rejuvenescer das gerações.

Tete será a província que, contrariamente ao caso de Cabo Delgado, apresenta um maior número de nascimentos, na generalidade das classes etárias das diferentes gerações, o que tem fortes repercussões ao nível da descendência final nas gerações das mulheres aqui em causa, como veremos mais à frente.

Tete é uma província do centro interior do país, fronteiriça com países vizinhos mais do que com outras províncias do seu próprio país, o que dita algum isolamento, pelo menos geográfico, no seio do mesmo. Talvez por isso, esta província parece não ter sido afectada, na fecundidade das suas gerações, por factores de crise, evidenciando calendários relativamente semelhantes nos diferentes grupos de gerações aqui considerados, que, sinteticamente, configuram uma curva crescente até aos 20-24 anos (25-29 no caso das gerações 1953-57), altura do pico dos nascimentos (o número de nascimentos aqui alcançado – chegando aos 1768 filhos por mil mulheres, valor da série dos nascimentos da tábua – é o mais elevado se comparado com os das restantes idades das gerações desta região mas, também, com os de todas as regiões), começando a fase descendente daí em diante, mas com quebras menos abruptas do que a subida, pelo que os nascimentos nas idades mais avançadas se mantiveram significativos nas diferentes gerações. O grupo de gerações que parece ter acusado o efeito de fenómenos perturbadores que terão ditado uma menor fecundidade, sobretudo entre os 15 e os 19 anos, terá sido o mais velho (1948-52) que manifesta, contudo, mais tarde, vontade de recuperação de nascimentos, assumindo valores superiores aos das restantes gerações mais velhas, em classes etárias seguintes.

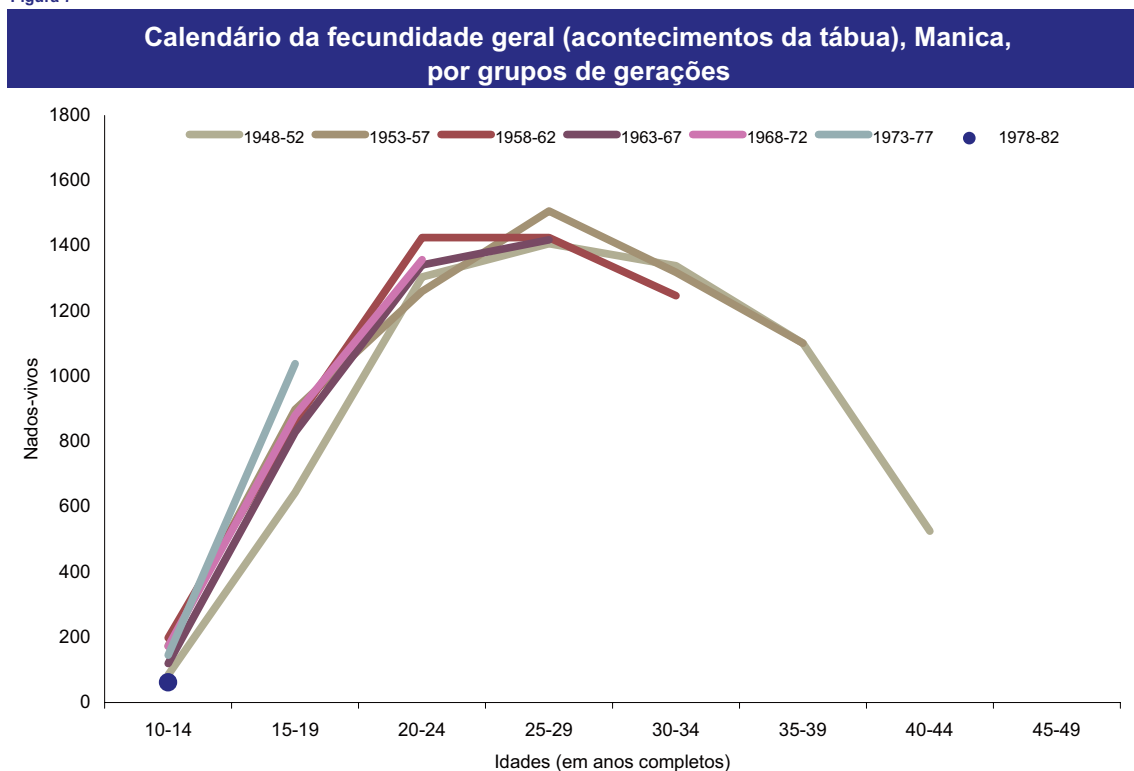
Figura 6

Calendário da fecundidade geral (acontecimentos da tábua), Tete, por grupos de gerações



Manica, província do interior e Centro do país, como Tete, é a que apresenta, no conjunto de todas as regiões consideradas, uma maior consonância nos calendários de todos os grupos de gerações, com valores de nascimentos muito próximos nas mesmas classes etárias dos diferentes grupos.

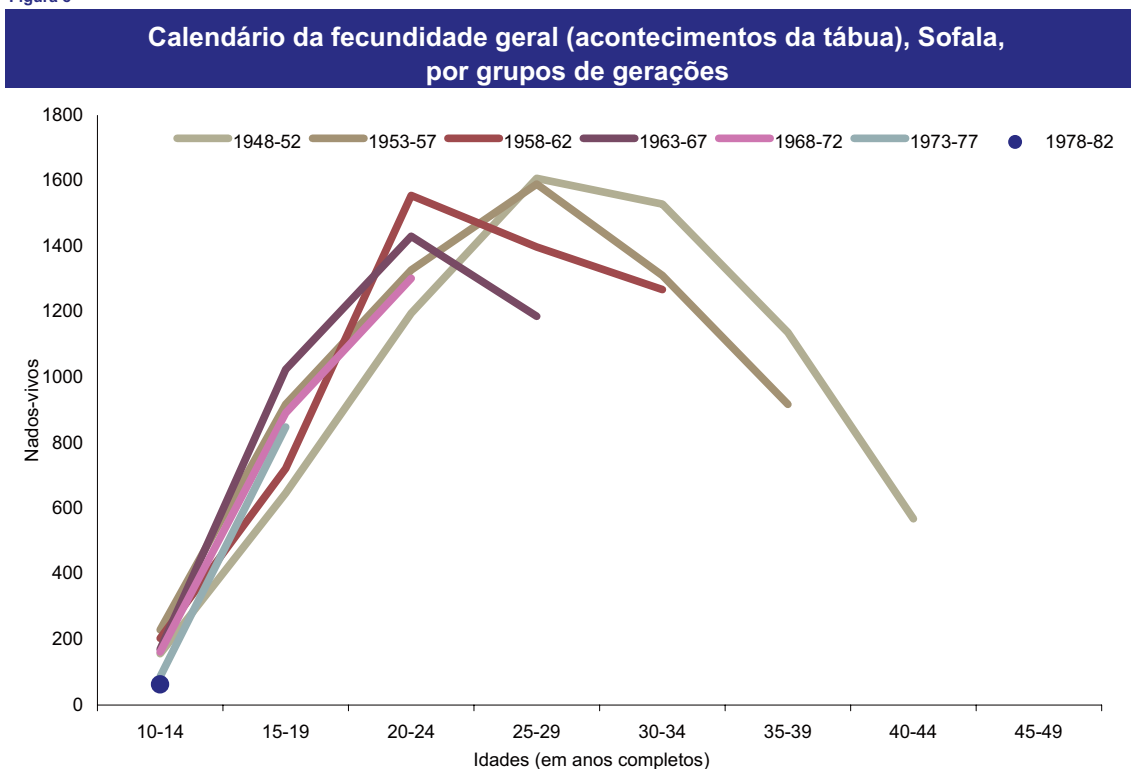
Figura 7



Ao mesmo tempo, as curvas do calendário assemelham-se às do conjunto do país, com comportamentos lineares na subida e na descida, todos os grupos geracionais atingindo o número máximo de nascimentos no grupo etário dos 25 aos 29 anos completos. De realçar, mais uma vez, uma maior concentração (embora pequena a diferença) de mais nascimentos nas idades mais jovens dos grupos mais jovens relativamente às dos mais antigos e, simultaneamente, uma menor e uma maior fecundidade num desses grupos etários – 15-19 anos – no grupo de gerações mais velho e no mais novo (para o qual já existe informação), respectivamente, face a todos os restantes grupos que aí apresentam valores muito próximos.

Em Sofala, província do centro do país, paralela a Manica mas junto ao litoral, regista-se uma precocização dos nascimentos, não acompanhada de forma expressiva pelos grupos mais jovens.

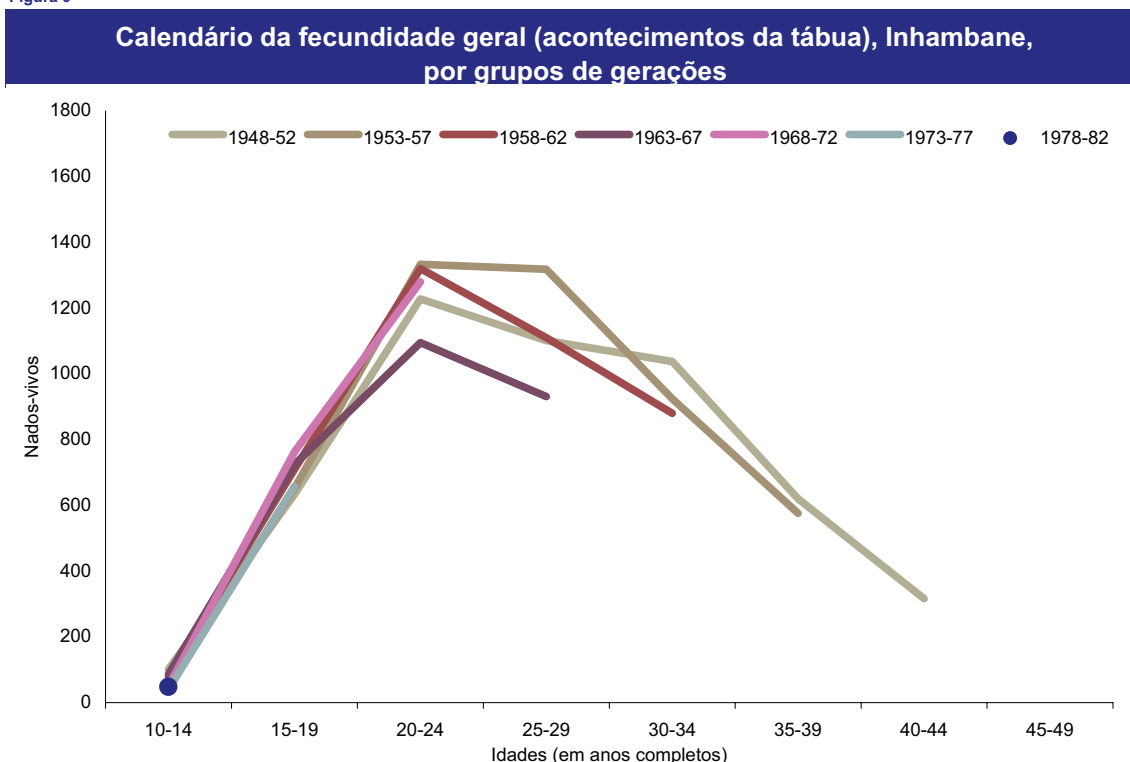
Figura 8



Os dois conjuntos de gerações mais velhas mostram pouca variação face aos restantes, com pouco menos nascimentos nas idades mais jovens, com um pico de nascimentos num grupo etário posterior face às restantes gerações, e com uma recuperação dos nascimentos nas idades mais avançadas, o que era já notório nas províncias anteriores. A característica que parece destacar Sofala das restantes regiões ou províncias, e que começava a destacar-se já em Manica, tem, sobretudo, que ver com uma homogeneização de comportamentos nas primeiras classes etárias dos diferentes grupos de gerações, não havendo forte antecipação dos mais jovens face aos mais velhos, na medida em que parece que os mais velhos não tiveram que atrasar o seu calendário, como nas províncias mais a Norte, de forma a concentrar muitos nascimentos em idade mais avançadas, face às gerações mais jovens.

Esta uniformização de comportamentos nas idades mais jovens reforça-se quando avançamos para a província de Inhambane (província costeira a sul de Sofala), com valores muito próximos nos nascimentos dos diferentes grupos de gerações, sobretudo quando falamos nas idades entre 15 e 19 anos completos e com todos os grupos de gerações a concentrarem mais nascimentos entre os 20 e os 24 anos completos.

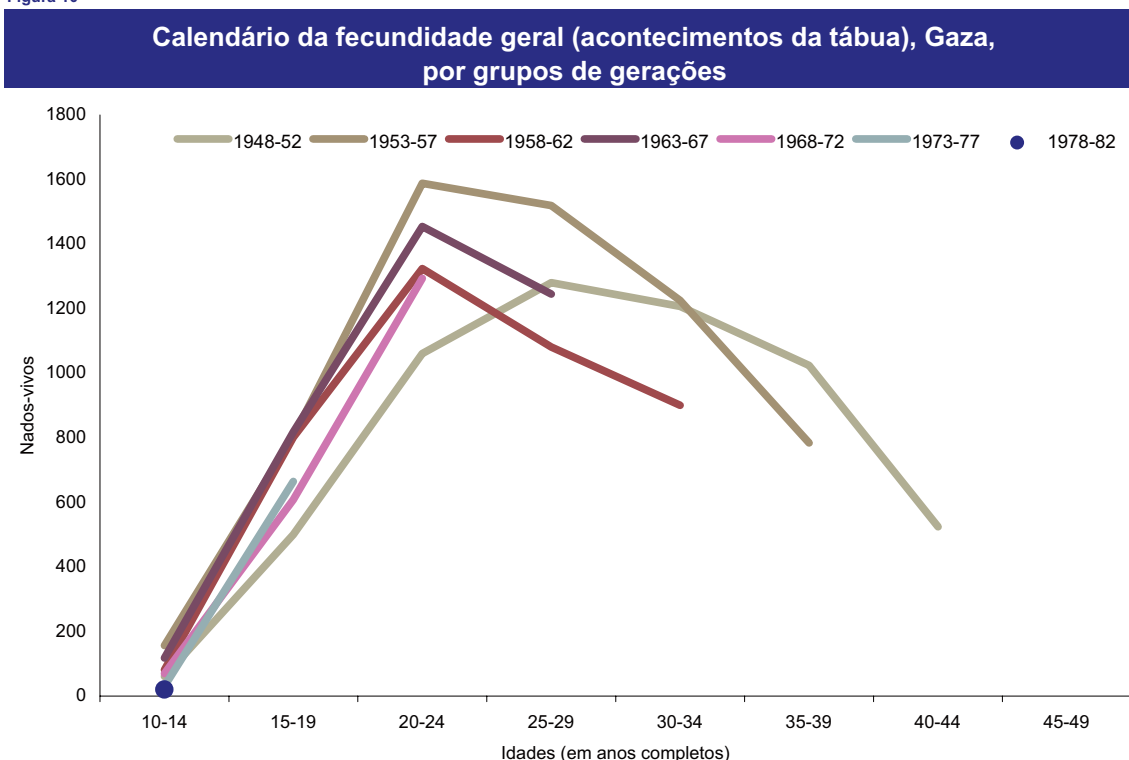
Figura 9



Esta sintonia desfaz-se nas idades seguintes sendo que a fecundidade do grupo de gerações mais velho parece ser afectada dos 25 aos 34 anos completos. As gerações que definimos como o grupo de transição parecem aqui dar uma nova indicação, no sentido de uma quebra de nascimentos nas diferentes classes etárias que coloca quase sempre este grupo a um nível inferior (em termos de nascimentos) do grupo de gerações mais velhas, sendo que parece acompanhado pelas restantes gerações mais jovens, apesar de a falta de informação não deixar comprovar totalmente a tendência. Simultaneamente, todos os grupos de gerações, em todas as idades, registam um menor número de acontecimentos face às três províncias descritas anteriormente.

Em Gaza, que fica junto a Inhambane para o lado interior, que faz já fronteira, a Sul, com Maputo e que ocupa, também, uma parte litoral importante, intensificam-se já os acontecimentos, face a Inhambane, o que, de acordo com a análise feita até aqui, parece indicar que as províncias a Oeste/Interior escapam com maior facilidade a uma infecundidade eventualmente forçada ou motivada por razões que se prendam com os motivos em cima apontados.

Figura 10

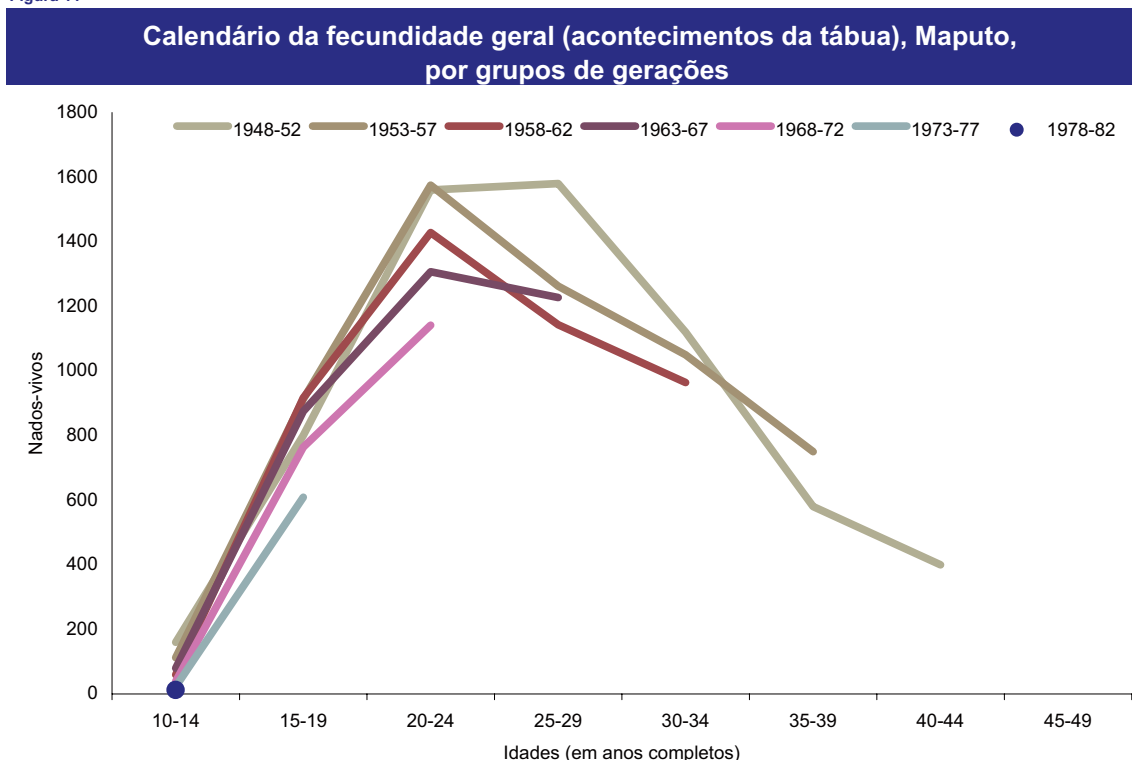


Contudo, neste caso, as gerações mais velhas, parecem ter sido afectadas na sua fecundidade inicial (mas ainda no decorrer da década de 60 e até inícios de 71, altura da guerra colonial, mais cedo face a Inhambane) tendo, depois, mantido uma carreira reprodutiva compensadora dessa falta, intensa até às idades mais avançadas e sendo o único grupo de gerações a atingir o pico de nascimentos entre 25 e 29 anos (todos os outros registaram essa máxima no grupo etário anterior).

Este facto, juntamente com outro – o que revela que o grupo de gerações seguintes (1953-57) regista uma franca recuperação de nascimentos face ao mais velho, sendo, na maioria dos grupos etários, o grupo de gerações com mais nascimentos – mostram uma talvez mais rápida superação das consequências de crise motivadora de alguma quebra de nascimentos. Mas parece existir aqui um ciclo que se renova, pois o terceiro grupo de gerações mais velho – 1958-62 – revela novamente quebras nos nascimentos, como aconteceu no grupo de gerações mais velhas mas, agora, com características diferentes. Com efeito, essa quebra acontece em idades mais tardias relativamente à do grupo mais velho, coincidindo com um período bastante mais recente que abrange toda a década de 1980. Este novo ciclo, aí iniciado, parece ter alguma continuidade nos grupos geracionais seguintes que, apesar de recuperarem alguma intensidade nos nascimentos ao longo das diferentes idades, mantêm uma tendência de quebra face ao grupo de gerações de 1953-57, o segundo mais velho.

Em Maputo, a província mais a Sul do país, junto à orla costeira e onde se situa a capital, este cenário revela-se ainda mais nítido.

Figura 11



O grupo de gerações mais velhas, nas outras regiões bastante afectado na sua descendência face às restantes, aqui revela-se como o mais fecundo em várias classes etárias, só sendo ultrapassado pelos dois grupos geracionais seguintes (gerações nascidas entre 1953-57 e 1958-62), estes sim, parecendo acusar algum constrangimento que os terá impedido de procriar, sobretudo entre os 25 e os 34 anos completos (idades correspondentes a um longo período que começa no fim da década de 70 e alcança já afirmadamente a década de 90), de forma a acompanhar as suas antecessoras.

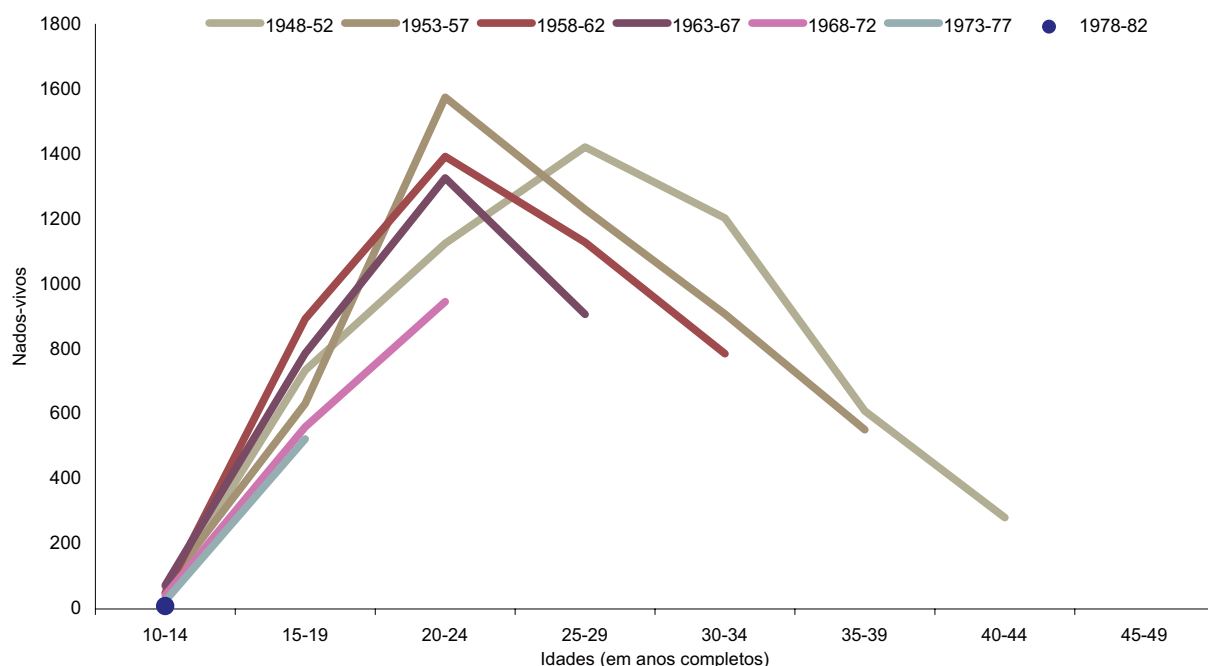
Ora, esta mudança, acompanhada claramente e de forma progressiva (isto é, cada vez mais acentuada), pelas gerações mais jovens, parece revelar mudanças mais estruturais do que conjunturais, nos comportamentos fecundos das mulheres, na medida em que é cada vez mais precoce a redução da fecundidade nas gerações mais jovens e, nas gerações para as quais há informação para as idades mais avançadas, não se regista uma nítida tentativa de recuperação dos níveis de fecundidade do grupo de gerações mais velhas, por exemplo. A transição parece até começar mais cedo – logo no grupo de gerações que considerámos mais velho – face ao que fomos constatando nas restantes províncias, sendo que, em Gaza, parecia haver já alguns indícios de mudanças protagonizados pelas gerações mais velhas.

Contudo, será de realçar que a mudança que tentamos evidenciar não é, pelo menos para já, muito expressiva em termos de uma forte redução no número de nascimentos ao longo das idades, o que significa que os efeitos na descendência final não serão indicadores de uma forte transição. Pena é que não tenhamos ainda indicação da fecundidade das gerações mais jovens nas idades mais avançadas para se apurar, definitivamente, o teor da mudança.

Mudança que se mantém com os mesmo traços na Cidade de Maputo, capital do país, e cujos dados são tratados em separado e de forma exclusiva (pelo que a informação analisada de seguida não consta da análise da província anterior).

Figura 12

Calendário da fecundidade geral (acontecimentos da tábua), Cidade de Maputo, por grupos de gerações



Importa, desde já, realçar que a Cidade de Maputo regista menos acontecimentos em todos os grupos de gerações e em todas as classes etárias face a Maputo província. Mas os quatro grupos de gerações mais jovens (desde as gerações 1963-67 até 1978-82) parecem acusar uma diminuição maior nos acontecimentos em quase todas as idades face à diminuição dos nascimentos dos grupos mais velhos. Parecendo indicar um não desejo de total recuperação dos níveis de fecundidade que não puderam ser alcançados pelo grupo mais velho que aqui pareceu fortemente penalizado na sua fecundidade face aos dois seguintes, estes registando uma franca recuperação e face ao mesmo grupo mas na província de Maputo.

Com efeito, e, como já se referiu, de forma mais expressiva do que no caso apresentado atrás, as mulheres mais velhas da Cidade de Maputo, adiaram o máximo dos nascimentos para o grupo etário dos 25-29 anos (todos os outros se quedaram pelo grupo dos 20 aos 24 anos), e protagonizaram um arrastamento da carreira reprodutiva que ditou mais nascimentos destas mulheres entre os 30-34 do que entre 20 e 24 anos completos. Mas, será, talvez, importante realçar que este grupo de gerações mais velhas parece isolado, em termos de comportamento fecundo, ao nível do calendário, na medida em que os outros grupos geracionais parecem seguir uma tendência semelhante e progressiva que vai no sentido da limitação e precocização dos acontecimentos, em termos etários.

Em resumo, talvez possamos afirmar que, consoante percorremos o país de Norte para Sul, encontramos uma maior uniformização dos acontecimentos entre grupos de gerações, parecendo serem Manica e Sofala as províncias que marcam a transição no sentido dessa maior homogeneização. Simultaneamente, as regiões do Sul apontam outras tendências, como sejam, por um lado, uma maior precocização dos acontecimentos nas gerações mais jovens e um destacamento do grupo de gerações mais velho face aos restantes outros, na medida em que retarda a intensificação dos acontecimentos para idades posteriores e mantém, até mais tarde, padrões de uma mais intensa carreira reprodutiva.

Contudo, este desequilíbrio na fecundidade das gerações mais velhas não é aqui tão notório como nas províncias a Norte do país onde se verificam, nitidamente, em certas idades (nem sempre nas mesmas classes, variando de província para província) falhas pouco "naturais", atendendo à idade em que ocorrem, na fecundidade das mulheres. Essas falhas acontecem tão mais tarde, em termos etários, quanto mais nos aproximamos do Norte do país.

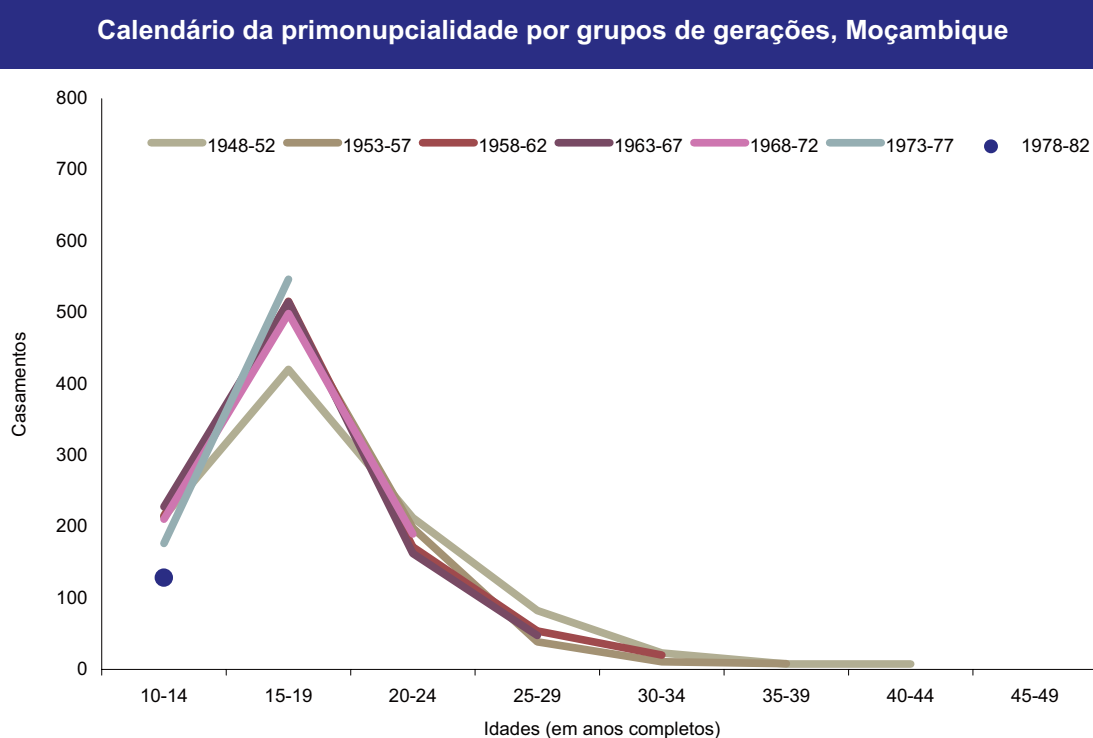
As regiões mais afectadas na sua fecundidade, quando comparadas todas as regiões entre si, parecem ser, sobretudo, províncias ou regiões situadas na costa litoral do país, a oriente.

5. Primonupcialidade e fecundidade: encontros e desencontros nos calendários

A análise da primonupcialidade¹⁶ das inquiridas, em confrontação com a leitura já feita para a fecundidade, deixa perceber algumas tendências de articulação entre os dois fenómenos que, de resto, já se havia revelado perceptível numa análise, aqui não apresentada¹⁷, que considerou o indicador sintético dos calendários (idade média) de iniciação sexual, nupcial e fecunda que permitiam dar conta da forte ligação entre primonupcialidade e primofecundidade, a esse nível.

A articulação entre calendários primonupciais e fecundos (não se trata de analisar a fecundidade de ordem um, isto é, a fecundidade como fenómeno não renovável em que se consideram os primeiros nascimentos, mas a fecundidade, sem distinção de ordem de nascimento, logo, fenómeno renovável) também mostra existir. Nomeadamente, no sentido de o calendário primonupcial se distribuir de forma a concentrar, quase sempre, mais casamentos no grupo etário imediatamente anterior ao grupo etário em que se registam mais nascimentos. Inclusivamente, a intensidade da primonupcialidade parece ter uma menor articulação com o calendário da fecundidade do que o próprio calendário primonupcial. Na verdade, a quase universalidade do casamento, bem patente na realidade africana, não permite que o critério da intensidade seja aqui um dos critérios moderadores do calendário e da intensidade fecunda ou, pelo menos, não como é o calendário e os seus indicadores sintéticos.

Figura 13



Em Moçambique, essa relação aparece como muito linear. É, com efeito, muito perceptível, ao acompanhar as curvas dos calendários primonupcial e fecundo, que um maior número de primeiros casamentos num determinado grupo etário, num dado grupo de gerações, implica o aumento do número de nascimentos nesse mesmo grupo de gerações no grupo etário seguinte. Essa linearidade é também visível nas quebras. Exemplifiquemos. O grupo de gerações mais velho (mulheres nascidas entre 1948 e 1952) apresenta, nos dois primeiros mas, sobretudo, no segundo grupo etário considerado (15-19 anos completos), um número de casamentos claramente inferior ao protagonizado por todos os grupos de gerações seguintes e mais novos, sendo que só a partir dos 25 anos se coloca na dianteira em termos de número de acontecimentos face aos outros grupo de gerações.

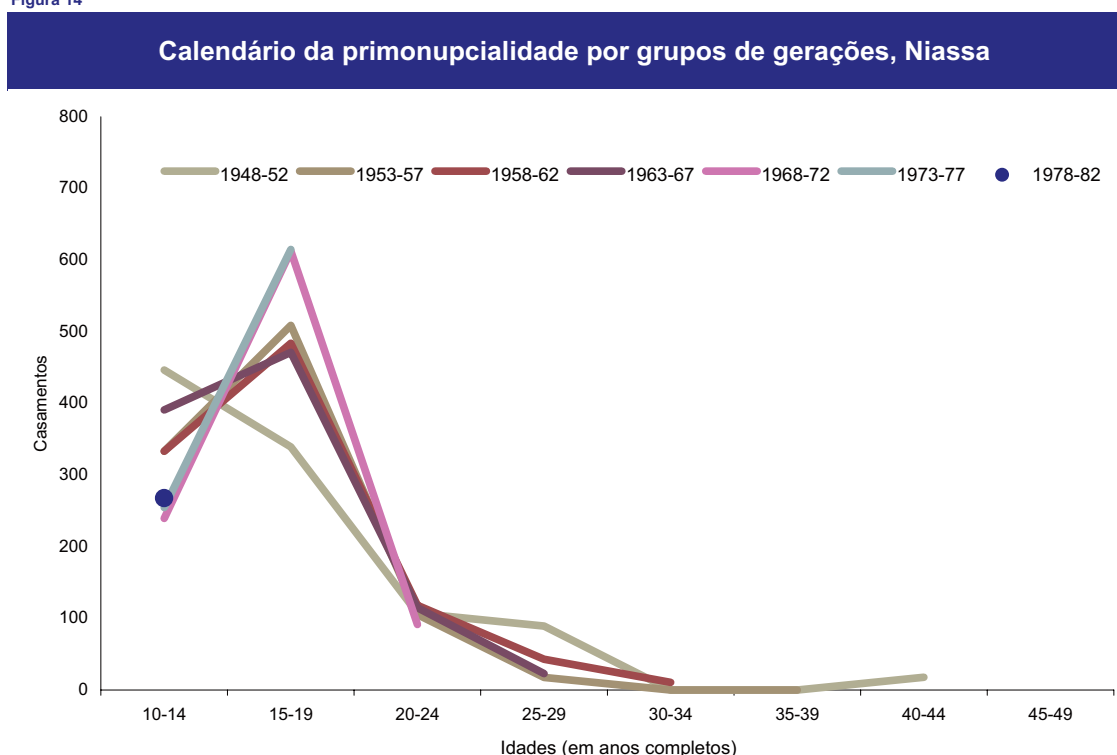
¹⁶ A falta de informação, ao nível do inquérito realizado, acerca da forma de celebração do casamento, não permite caracterizar nem distinguir, a esse nível, a forma de entrada em união das mulheres (celebração religiosa, tradicional, com registo,...). Assim, consideram-se casadas e tendo entrado em união, todas as que responderam à questão relativa à idade no momento do primeiro casamento, sendo essa a informação que viabiliza o cálculo das medidas específicas relativas à primonupcialidade (neste caso, taxas específicas de segunda categoria, na medida em que, no denominador, considerámos toda a população feminina da amostra, por idades, independentemente do estado civil declarado). A falta de informação relativa a questões nupciais é frequentemente referido nas análises de inquéritos IDS.

¹⁷ Cf. Cardoso (2004, 125-150)

Ora, essa diferença nos grupos etários mais jovens (10-14 e 15-19) ao nível da primonupcialidade reflecte-se, na fecundidade das mulheres das gerações de 1948-52, entre os 15-19 e 20-24 anos completos, em que apresentam níveis fecundos consideravelmente mais baixos face às restantes gerações, mas sobretudo entre as idades 20 e 24 anos, que decorrem também do grupo mais penalizado na primonupcialidade. A recuperação de casamentos das mulheres destas gerações, a partir dos 25 anos, permite que se coloquem na dianteira da fecundidade face às outras gerações, para as quais temos informação, até ao fim do calendário fecundo. Uma análise semelhante podia ser feita para as restantes gerações que se assemelham muito mais no comportamento quer nupcial como fecundo. Na verdade, todas elas vivem mais acontecimentos referentes à primonupcialidade no grupo etário dos 15-19 anos completos e todas são mais fecundas entre os 20 e os 24 anos.

Em Niassa, a diferença entre o calendário nupcial das gerações mais velhas (1948-52) face ao das restantes é ainda mais acentuada, sendo a irregularidade do calendário referido tão acentuada que não encontra muita consonância com o calendário fecundo.

Figura 14



Curiosamente, este último mostra alguma resistência no sentido de não permitir que a conturbação que limitou o calendário nupcial, interferisse totalmente na fecundidade, ao nível do calendário. Como se a fecundidade fosse um bem maior a preservar mesmo se os meios que permitem alcançar esse fim não sejam devidamente accionados. Com efeito, o calendário fecundo não segue, neste caso, o nupcial que se revela irregular face aos seguintes e ao que havíamos encontrado em Moçambique. Vejamos: As idades em que a nupcialidade é mais intensa, nessas gerações, são as situadas entre os 10 e os 14 anos completos – o que revela alguma precocidade no casamento, nesta província que, na verdade, será confirmada pelo indicador sintético do calendário, que ditará o Norte do país como aquele em que as idades médias no primeiro casamento são mais precoces.

Dá em diante, o número de casamentos tende sempre a decrescer, sendo que a quebra mais brusca se situa dos 15-19 para os 20-24 anos completos, havendo uma ligeira recuperação, depois, para os 25-29 anos. Ora, na fecundidade, estas gerações (1948-52) registam níveis sempre inferiores aos das restantes gerações, à excepção do primeiro grupo etário, revelando essa maior concentração de nascimentos entre os 10 e 14 anos talvez influência do maior número de casamentos também aí verificados, com efeitos temporais imediatos na descendência – podemos mesmo estar a falar de situações de correcção de gravidez pré-nupcial que se converte, depois, em nascimento conjugal, isto é, legitimado pelo casamento ocorrido entre a notícia de gravidez e o nascimento do filho.

O que não será de negligenciar se considerarmos que Niassa tem uma das iniciações sexuais mais precoces do país (esta província e Nampula são as únicas em que as mulheres inquiridas se iniciam sexualmente antes dos 15 anos, em média) e que 85,8% das mulheres inquiridas desta província, no conjunto das gerações, nunca

usou qualquer método contraceptivo, aumentando essa percentagem para 94,6% quando nos concentramos apenas no grupo de gerações mais velhas (que se revela, de todos, o menos adepto de práticas contraceptivas). É ainda a província em que mais de $\frac{3}{4}$ das mulheres não têm escolaridade (76,8%) e em que a utilização de métodos contraceptivos só começou (e de forma muito escassa, como se comprova pela percentagem apresentada) a partir do terceiro filho e não antes.

Ainda em Niassa, se olharmos para as curvas nupciais e fecundas das restantes gerações, verificamos que todas concentram mais casamentos entre os 15 e os 19 anos completos, sendo que, nesse grupo etário, evidenciam-se, com mais acontecimentos, as gerações mais jovens. A quebra nos acontecimentos para o grupo etário seguinte é ainda mais abrupta do que a verificada no grupo mais velho, na medida em que os grupos de gerações agora analisados vêm de situações de maior número de acontecimentos para valores muito próximos aos das gerações 1948-52. Daí em diante, a diminuição é gradual.

No que toca à fecundidade, ela atinge sempre o ponto máximo nos 20-24 anos, ou seja, no grupo etário seguinte àquele em que se protagonizaram mais primeiros casamentos, sendo que a quebra abrupta de casamentos dos 20-24 para os 25-29 anos faz-se aqui sentir dos 25-29 anos para os 30-34, sobretudo nas gerações mais velhas. Sendo difícil apurar a tendência de algumas das mais jovens, pela falta de informação, podemos, no entanto, dizer que se revelam bastante adeptas do casamento – os grupos de gerações 1968-72 e 1973-77 registaram os níveis mais elevados de nupcialidade no grupo etário 15-19 anos, não havendo ainda informação suficiente para o grupo mais jovem – com níveis fecundos também perto ou acima da média verificada.

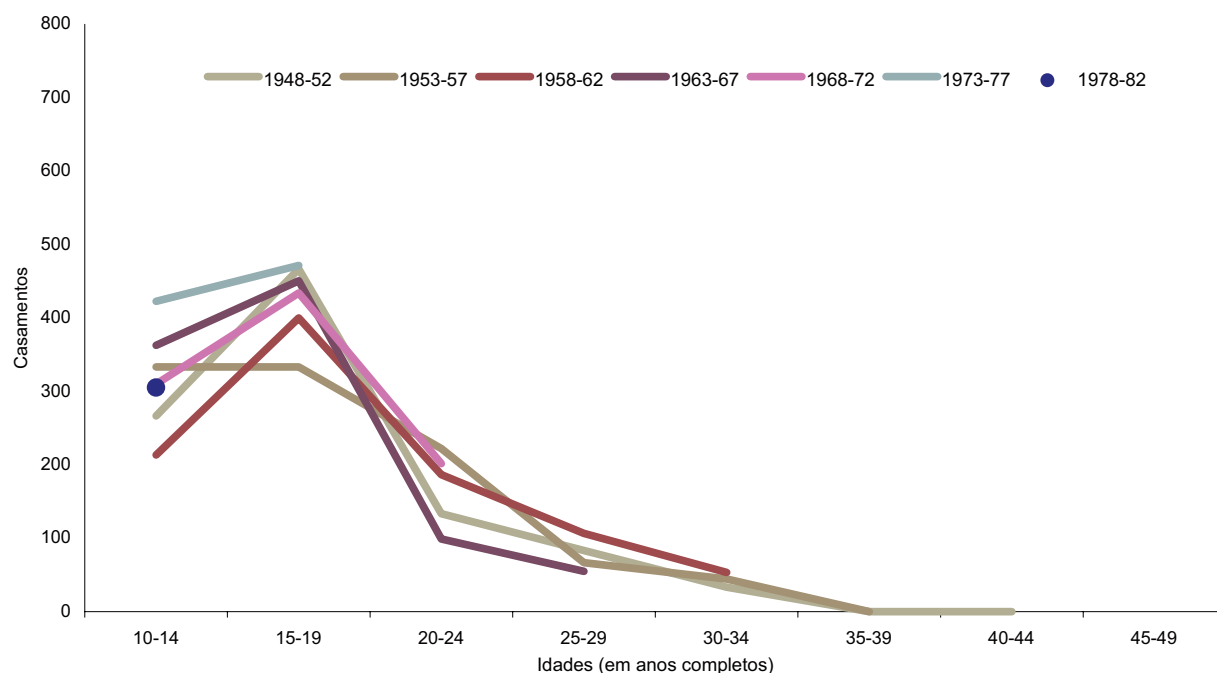
Aquele que temos vindo a definir como o grupo de transição (gerações 1963-67) revela, aqui, alguma semelhança com o mais velho, com uma nupcialidade acima da média, entre os 10 e 14 anos, reflectida no maior valor do calendário da fecundidade entre os 15 e 19 anos. Contudo, acompanha as restantes gerações, com mais casamentos no grupo etário 15-19 anos e mantém níveis fortes de fecundidade ao longo das idades. Inclusivamente, é quando os grupos mais velhos começam a decair que este grupo regista mais nascimentos (grupo etário 25-29 anos).

De referir, ainda, que o grupo de gerações mais velhas, sendo aquele para o qual está reunida mais informação, não é o mais fecundo. As gerações seguintes (1953-57) atingem aos 40 anos uma descendência superior à das mais velhas aos 45 anos exactos, o que deixa antever alguma interferência do calendário da nupcialidade na intensidade da fecundidade para além da interferência no seu calendário (calendário primonupcial precoce P intensidade da fecundidade mais fraca).

Em Cabo Delgado, a relação entre calendários nupcial e fecundo revela, novamente, alguma linearidade, perceptível em quase todos os grupos de gerações que apresentam, em termos nupciais, tendências semelhantes. Com efeito, o grupo de gerações mais velho, o mais irregular em Niassa, apresenta, aqui, um calendário nupcial com uma curva cujos contornos são acompanhados pelos grupos de gerações seguintes.

Figura 15

Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Cabo Delgado



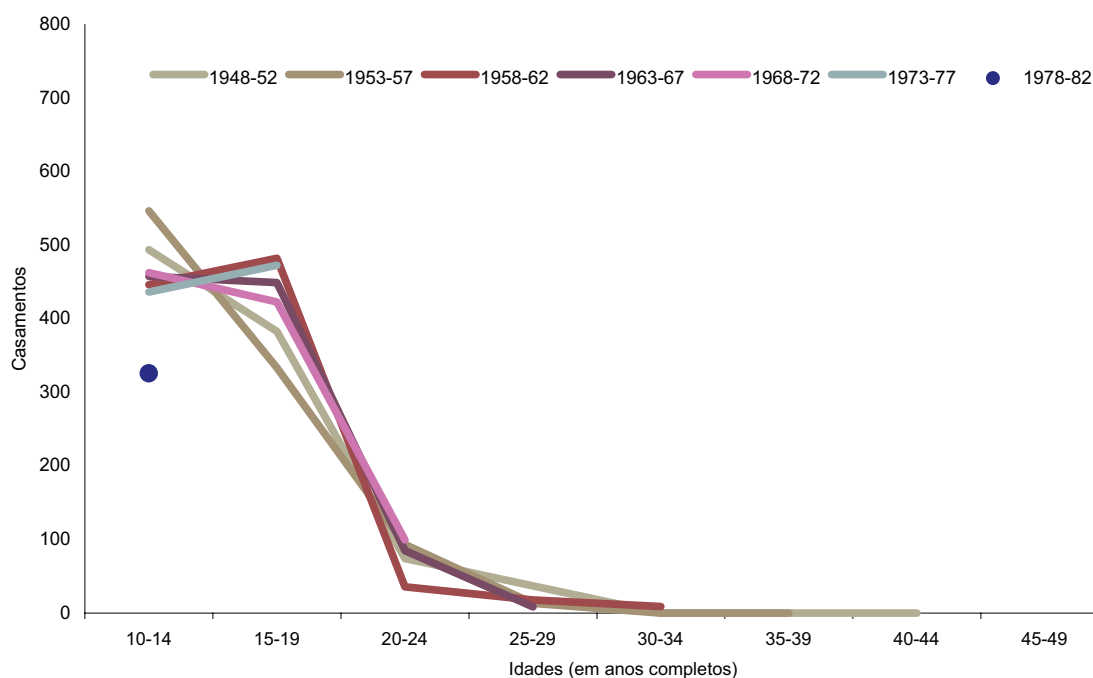
Todos os grupos geracionais se apresentam com mais acontecimentos entre os 15 e os 19 anos sendo que aqui, como em Niassa, se regista, uma precocidade nos acontecimentos, com todas as gerações a registarem mais casamentos no primeiro grupo etário (10-14 anos) (o grupo de inquiridas nascidas entre 1953-57 protagonizou, aliás, o mesmo número de casamentos nos dois primeiros grupos etários) do que no terceiro (20-24 anos), o que se articula com uma quebra abrupta de acontecimentos do segundo para o terceiro grupo etário.

Simultaneamente, as gerações mais novas são mais adeptas do casamento nas idades mais jovens, apresentando, aí, mais casamentos face às mais velhas. Esta descrição encontra algum eco no calendário fecundo que encontra sempre mais nascimentos entre os 20 e os 24 anos completos e na passagem para o grupo etário seguinte também regista uma quebra em todos os grupos geracionais, sendo que as quebras mais bruscas são as dos grupos que perdiam casamentos também mais repentinamente, de um grupo etário para o seguinte – 1948-52, 1958-62 e 1963-67. Os grupos mais jovens são aqueles que protagonizam mais acontecimentos (nascimentos) mais cedo, como acontece na nupcialidade, sendo que as inquiridas de 1953-57, também aqui revelam estagnação nos acontecimentos, agora de forma mais prolongada, por diferentes grupos etários.

Em Nampula, registamos novamente a precocidade da nupcialidade, com mais de metade dos grupos de gerações a concentrar a maior fatia de casamentos entre os 10 e os 14 anos.

Figura 16

Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Nampula



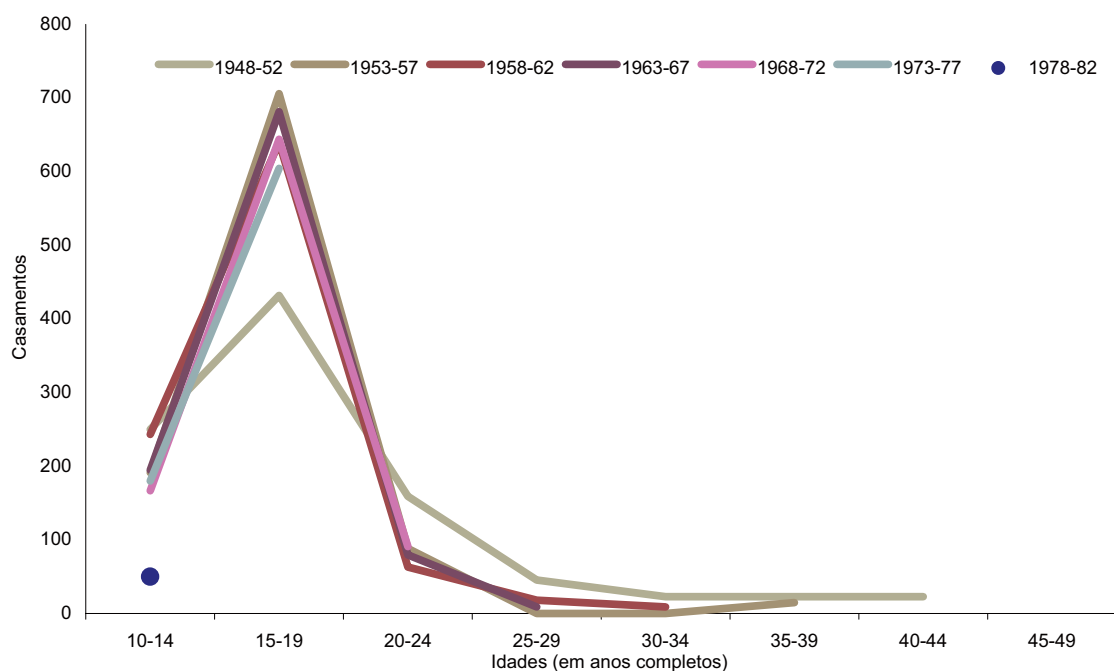
E com uma nupcialidade negligenciável a partir dos 20-24 anos, *inclusive*. Nos calendários de iniciação, já havíamos dado conta desta província como a mais precoce na entrada na sexualidade e no casamento, e a segunda mais precoce na primofecundidade. Contudo, a precocidade na fecundidade não se mostra tão evidente. Na verdade, a fecundidade abundante desta província e alguns condicionamentos que limitaram os acontecimentos nas idades mais jovens das gerações mais velhas, levam as inquiridas a prolongar a sua carreira fecunda até mais tarde, sendo que os dois grupos geracionais mais velhos concentram mais nascimentos, não um, como sugerimos atrás como padrão, mas três grupos etários depois da mais forte nupcialidade. Com efeito, o maior número de nascimentos nos três grupos de gerações mais velhos situa-se entre os 25 e 29 anos, sendo que as gerações mais jovens se revelam mais procriativas entre os 20 e os 24 anos, mais perto dos 10-14 ou 15-19 anos, altura em que casam mais. As gerações mais jovens revelam-se mais fecundas mais cedo, aproximando, assim, mais os calendários nupcial e fecundo, o que parece reforçar os laços entre os fenómenos. A ligeira menor expressão dos casamentos no grupo mais velho reflecte-se, fortemente, na fecundidade desse grupo que, só no fim da carreira reprodutiva, ultrapassa o grupo imediatamente mais jovem.

Na Zambézia, o calendário nupcial parece perder o carácter precoce face ao de províncias anteriores.

Ao mesmo tempo, a homogeneidade entre grupos geracionais é mais evidente, com todos eles a concentrarem mais casamentos nas idades 15-19 anos completos, ensaiando um salto considerável do grupo etário anterior e uma quebra abrupta para o seguinte. Apenas o grupo mais velho se destaca na diferença pela inferioridade de casamentos face aos restantes grupos, nessa classe etária, e pela superioridade em todas as outras.

Figura 17

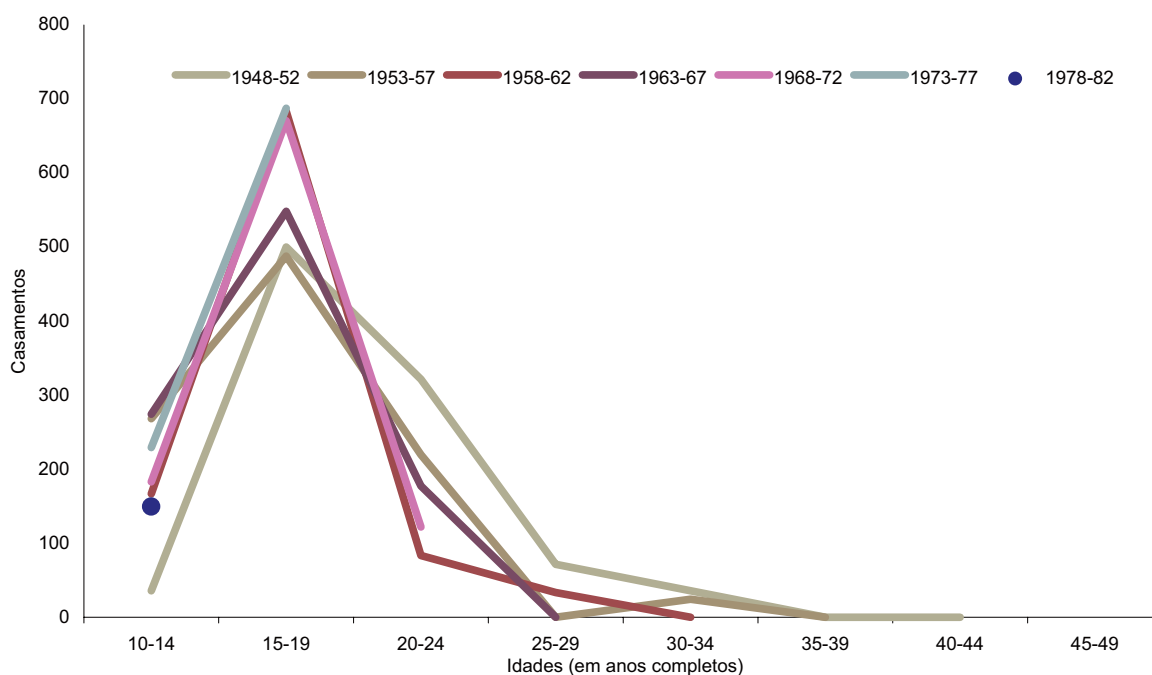
Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Zambézia



Na fecundidade, este grupo de gerações (1948-52) só assume o maior número de nascimentos no grupo etário 30-34 anos, mais tarde que os restantes, acompanhando diferenças anteriores. Os dois grupos de gerações seguintes concentram mais nascimentos entre os 25 e 29 anos, sendo que, de seguida, isto é, nas inquiridas mais jovens, verificamos uma maior fecundidade entre os 20 e os 24 anos, o que faz aproximar os dois calendários analisados, nas mulheres mais jovens, e afastá-los, nas mais velhas, em termos de concentração de acontecimentos. Sendo que, não se perdendo articulação entre fenómenos, verificam-se ajustamentos, com o rejuvenescer das gerações (gerações mais jovens $\Rightarrow$ acontecimentos mais precoces $\Rightarrow$ acontecimentos mais próximos entre si).

Figura 18

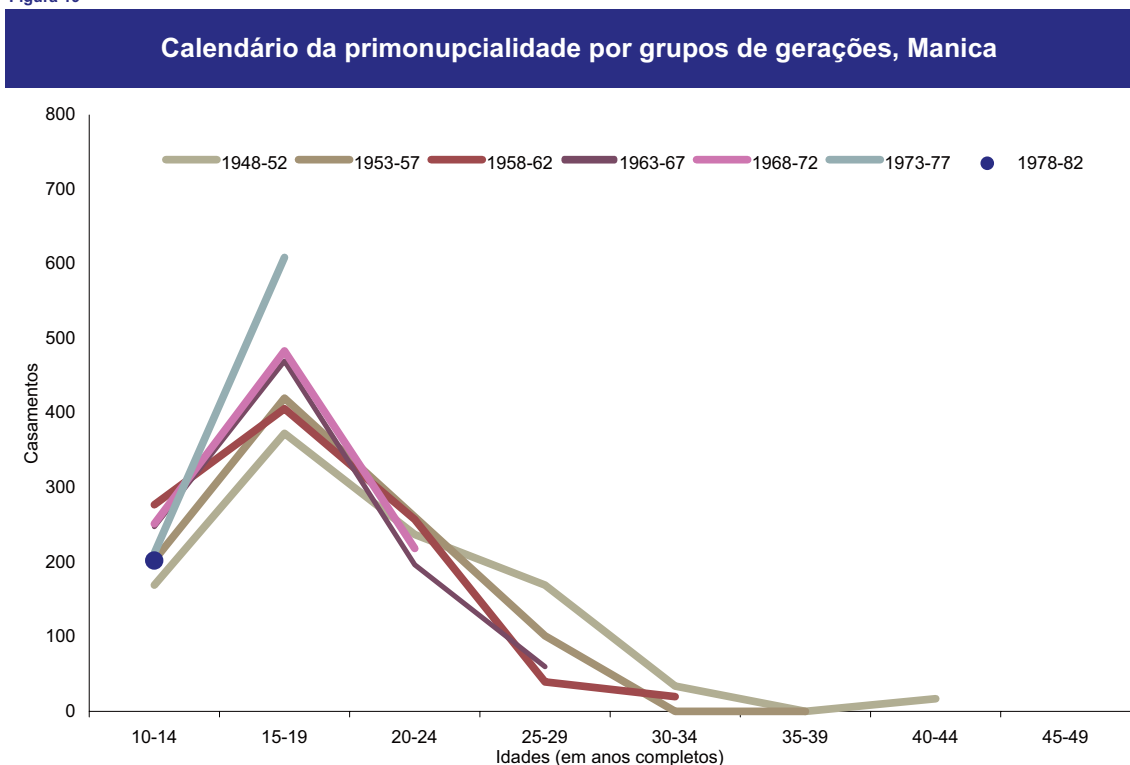
Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Tete



Na província de Tete, todos os grupos de gerações concentram mais casamentos entre os 15 e 19 anos e revelam-se mais fecundos entre os 20 e os 24 anos, voltando ao constatado para as províncias mais a Norte do país. O número mais reduzido de casamentos, nas gerações mais velhas, nas idades 10-14 anos, limita os nascimentos entre os 15 e os 19 anos dessas inquiridas, sendo que dos 15 em diante, nota-se a tentativa destas inquiridas de manter níveis mais elevados quer de casamentos quer de nascimentos o que se traduz no facto de, a partir dos 20 anos, estas serem as gerações que mais casam e, dos 35 aos 39 as mais fecundas. As gerações mais jovens são as que protagonizam mais acontecimentos nas idades mais jovens (até aos 19 anos na nupcialidade e até aos 24 na fecundidade).

A análise dos calendários de Manica, permite-nos perceber que a uma maior dispersão de acontecimentos relativos à nupcialidade, isto é, a uma distribuição mais repartida dos mesmos pelas diferentes classes etárias, corresponde também uma distribuição mais uniforme de nascimentos ao longo das idades.

Figura 19

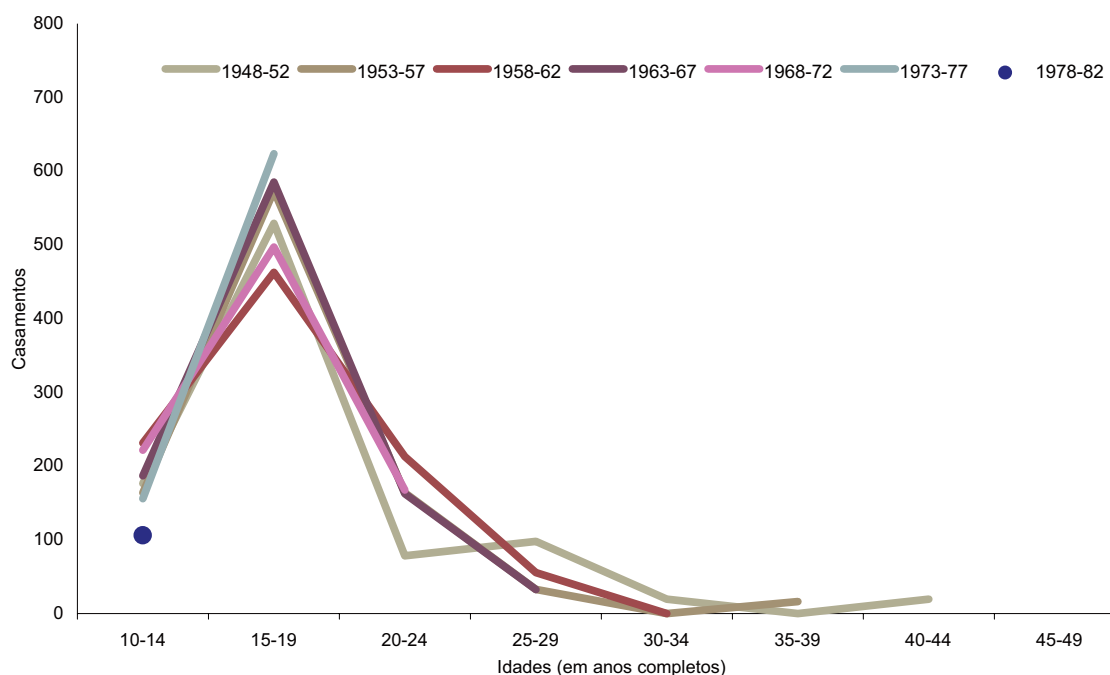


Isto apesar de, em Manica, se verificar, claramente, que existe um grupo etário que concentra mais casamentos, neste caso o dos 15 aos 19 anos. Na fecundidade, esta província concentra, essencialmente, mais nascimentos não no grupo etário seguinte mas no dos 25 aos 29 anos, sendo que entre os 20 e os 40 anos exactos os nascimentos têm uma repartição bastante equilibrada (com uma situação, inclusive, de um grupo de gerações que regista o mesmo número de nascimentos, em dois grupos etários – gerações de 1958-62, nas idades 20-24 e 25-29).

Em Sofala, verificamos já uma maior concentração de casamentos, também no grupo etário dos 15 aos 19 anos completos, com quebras de acontecimentos para o grupo etário seguinte, mais marcada para o grupo mais velho que depois volta a recuperar entre os 25 e 29 anos, com uma ligeira subida nos acontecimentos.

Figura 20

Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Sofala

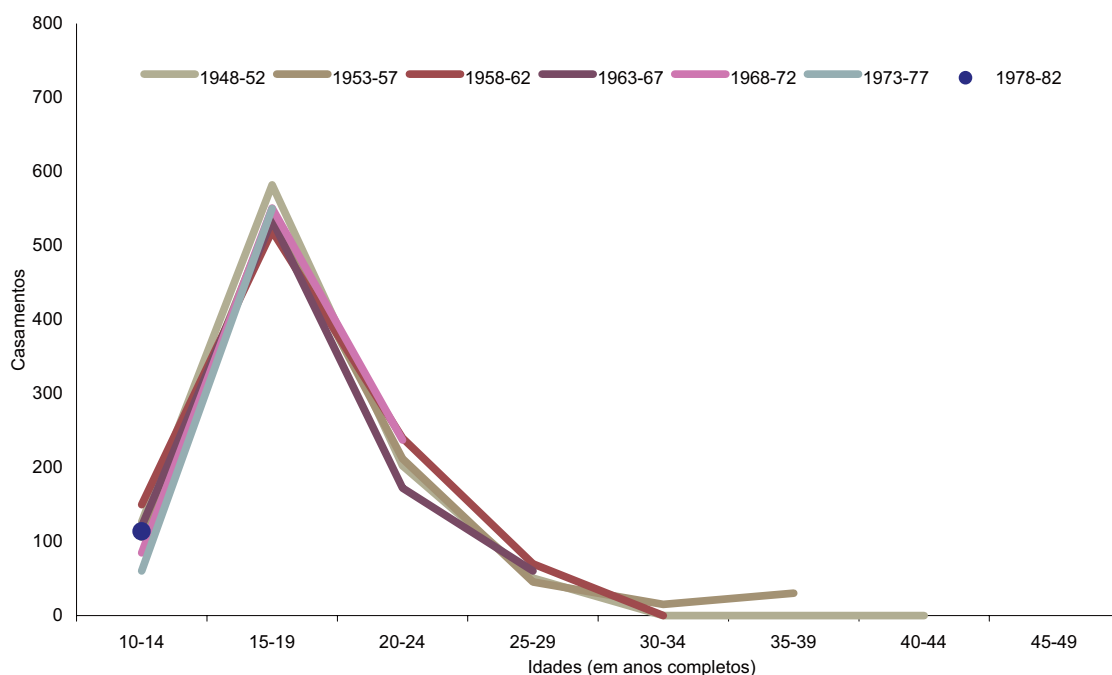


No que respeita ao calendário fecundo vamos ao encontro do que havíamos verificado para a província de Zambézia: as gerações mais velhas (grupo 1948-52 e 1953-57) fomentam um maior espaço de tempo entre o grosso dos casamentos e o dos nascimentos, sendo que as mais jovens têm calendários mais aproximados, situando, então os nascimentos, logo a seguir à maior fatia de casamentos, no grupo etário dos 20 aos 24 anos completos, começando os acontecimentos a decrescer daí em diante. O incremento de casamentos já constatado para o grupo de gerações mais velhos entre os 25 e os 29 anos, não verificado em mais nenhum grupo, reflecte-se, na fecundidade, num prolongamento de nascimentos, a partir dos trinta anos, não verificado pelas gerações imediatamente mais jovens, que registam valores consideravelmente inferiores desde essa idade.

Em Inhambane, encontramos calendários nupciais muito semelhantes, entre os diferentes grupos de gerações. Nem o grupo mais velho se destaca pela diferença. Todos registam mais acontecimentos entre os 15 e os 19 anos, sendo que o grupo seguinte com mais acontecimentos é o de 20-24 anos, e só de seguida aparecendo o de 10-14 anos. O que revela uma menor precocidade de acontecimentos face a províncias anteriores. Assim, também os nascimentos no primeiro grupo etário (10-14) são em número muito escasso, concentrando-se, essencialmente, entre os 20 e os 24 anos completos, sendo que, até aos 34 anos, se registam mais acontecimentos do que até aos 20, o que atesta, por um lado, o protelar do atraso nos acontecimentos, já herdado da primonupcialidade e, por outro, o arrastamento da carreira reprodutiva até idades mais tardias.

Figura 21

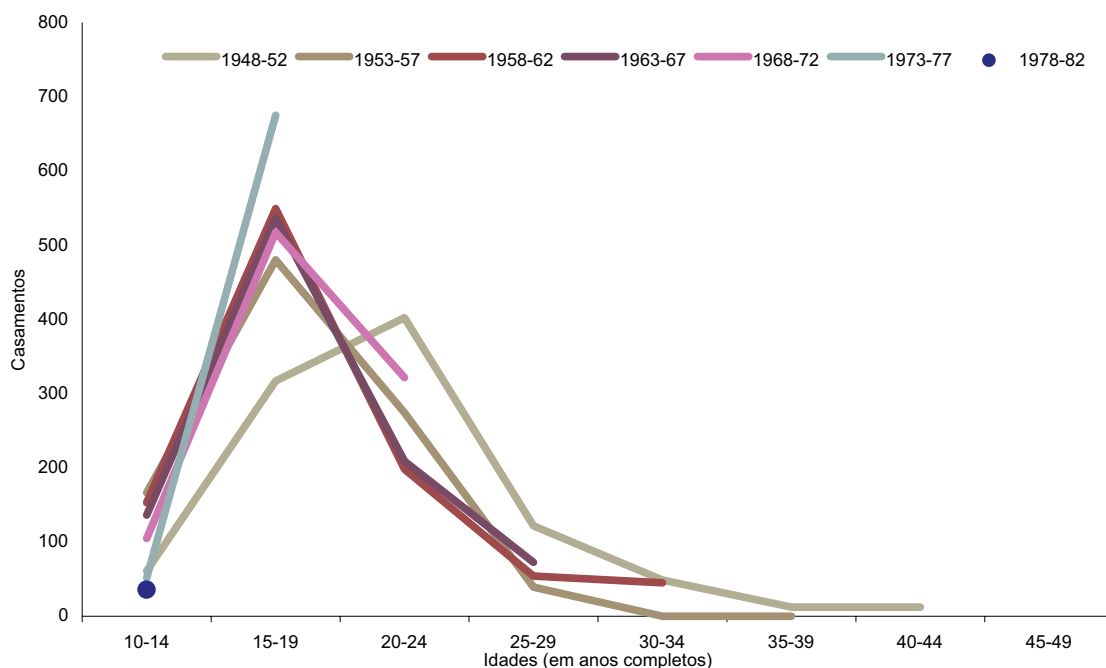
Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Inhambane



Em Gaza, verifica-se desde logo um desajustamento do comportamento do grupo de gerações mais velho (1948-52) face aos restantes.

Figura 22

Calendário da primonupcialidade por grupos de gerações, Gaza



As inquiridas destas gerações, registam muito poucos casamentos até aos 14 anos, verifica-se depois uma subida no número de acontecimentos até aos 19 mas é entre os 20 e os 24 anos que estas mulheres casam mais, regressando, de seguida, a valores inferiores aos registados entre os 15 e os 19 anos. A este calendário nupcial corresponde um calendário fecundo de progressão de acontecimentos até aos 25-29 anos, altura em

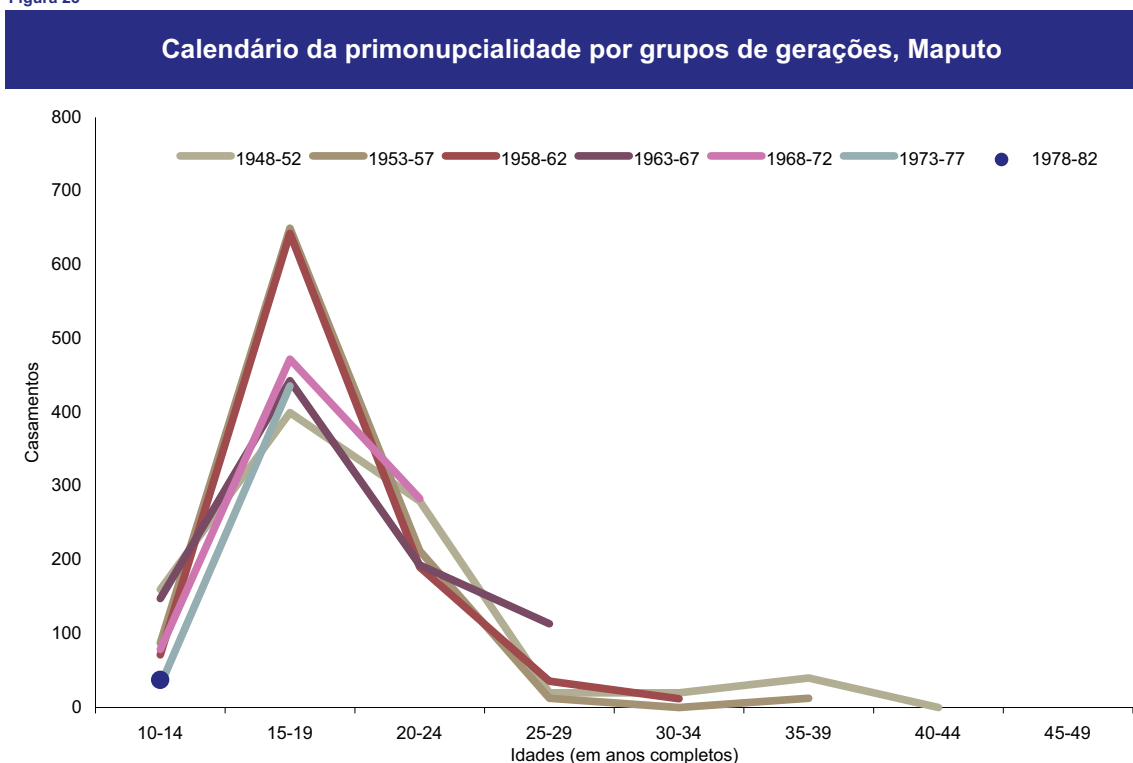
que ocorrem mais nascimentos, o que corresponde ao grupo etário imediatamente a seguir àquele que se revelou mais propício para os casamentos. Ora, nos restantes grupos de gerações, verifica-se uma antecipação, num grupo etário, para o maior número de acontecimentos quer nupciais, quer fecundos, sendo que, em todos, se verificam, assim, mais casamentos entre os 15 e os 19 anos e mais nascimentos entre os 20 e os 24.

Em Maputo começa, já, a fazer sentido introduzir o conceito de intensidade da primonupcialidade pois vemos que (apesar da falta de informação não nos permitir uma leitura definitiva) nenhum grupo de gerações se aproxima do valor máximo dos casamentos, se comparados com os das restantes províncias.

Quadro 3

Calendário da primonupcialidade (acontecimentos da tábua), Maputo, por grupos de gerações							
Idades	Grupos de gerações						
	1948-52	1953-57	1958-62	1963-67	1968-72	1973-77	1978-82
10-14	160	88	71	148	79	30	38
15-19	400	650	643	443	472	436	
20-24	280	213	190	193	283		
25-29	20	13	36	114			
30-34	20	0	12				
35-39	40	13					
40-44	0						
45-49							
TOTAL	920	975	952	898	835	466	38

Figura 23



Verificamos, também, que esse facto terá alguma implicação na intensidade da fecundidade de Maputo que, como vimos atrás, não será das províncias moçambicanas mais fecundas. Voltando ao calendário, encontramos um tendência semelhante à de Gaza, no sentido de todos os grupos geracionais concentrarem mais primeiros casamentos entre os 15 e os 19 anos completos, sendo que as idades entre os 20 e os 24 anos se revelam mais propícias para o casamento do que as anteriores aos 15 anos. Aqui, as inquiridas mais velhas só marcam a diferença na fecundidade ao serem mais fecundas entre os 25 e 29 anos enquanto todas as outras se ficam pelos 20-24 anos. Em Maputo, é já evidente uma tendência que parecia estar em ebulição em Gaza: as gerações

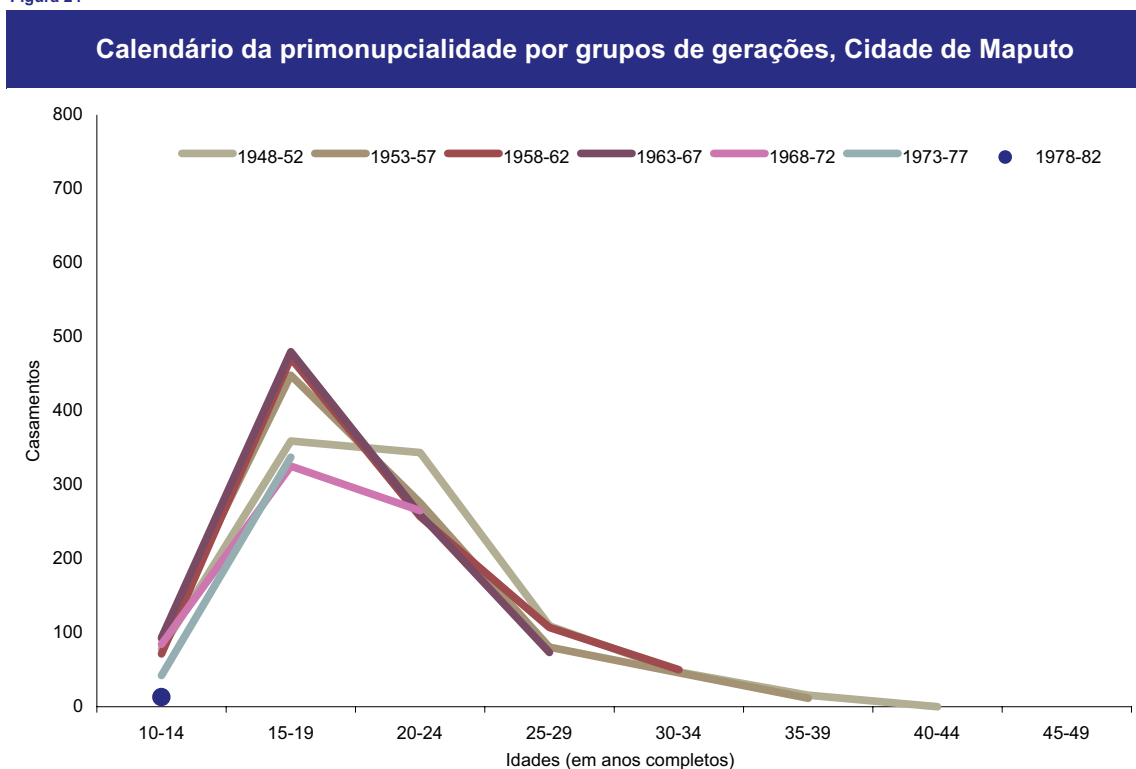
mais jovens são as que protagonizam o menor número de acontecimentos quer nupciais quer fecundos, parecendo, também, retardá-los ligeiramente face às mais velhas.

Na Cidade de Maputo, o que apontámos para a província que lhe confere nome, ganha ainda mais peso, quer ao nível da intensidade, quer ao nível dos calendários.

Quadro 4

Calendário da primonupcialidade (acontecimentos da tábua), Cidade de Maputo, por grupos de gerações							
Idades	Grupos de gerações						
	1948-52	1953-57	1958-62	1963-67	1968-72	1973-77	1978-82
10-14	78	92	71	93	84	42	13
15-19	359	448	471	480	325	338	
20-24	344	276	257	260	265		
25-29	109	80	107	73			
30-34	47	46	50				
35-39	16	11					
40-44	0						
45-49							
TOTAL	953	954	957	907	675	380	13

Figura 24



Verifica-se, aqui, um atraso ainda maior nos casamentos, com uma concentração dos mesmos, em todos os grupos geracionais, entre os 15 e os 19 anos, mas com uma diferença bastante mais acentuada entre o primeiro e este grupo etário do que entre este e o seguinte. Simultaneamente, verificamos a não existência de fortes picos nos casamentos sendo que há uma maior tendência para a sua dissipação nas diferentes classes etárias, nomeadamente as mais velhas. As gerações mais jovens revelam-se aqui, mais uma vez, como as menos voltadas para a celebração do matrimónio, com registo de menos casamentos, sobretudo nas idades mais jovens, o que vem verificar-se, também ao nível da fecundidade. Os nascimentos estão, essencialmente, mais concentrados entre os 20 e os 24 anos completos, sendo o grupo de gerações mais velho o único que situa mais nascimentos entre os 25 e os 29 anos.

5.1. Novos perfis

A nossa análise, pobre em indicadores relativos à família, como um todo, na medida em que se centra, essencialmente, nas mulheres e nos comportamentos nupciais e fecundos a que se vinculam, vem salientar, acima de tudo, no que toca à emergência de novos comportamentos em matéria de fecundidade, mudanças ao nível do posicionamento da mulher em contextos particulares das diferentes formas de organização social. Nessas mudanças, as novas características poderão indiciar a inversão dos fluxos intergeracionais de riqueza, decorrentes da nuclearização emocional da família, como sustentado por Caldwell (1976). Ou, sobretudo, poderão ser um contributo para essa inversão.

Esta afirmação tem sustentação, sobretudo, em contextos muito particulares, como sejam os de mulheres fundamentalmente de meio urbano, mais escolarizadas, com maior recurso à contracepção, a métodos modernos, mais cedo e, no final da carreira reprodutiva, com o objectivo de definitivamente interromper a carreira fecunda. Contextos em que a limitação do acesso a alojamento é muito forte¹⁸, sendo que imperam os agregados familiares com dimensão alargada mas também a articulação desse factor com a escolaridade mostra que o aumento da instrução dita uma diminuição do agregado. Contextos em que a poligamia perde expressão (e, na sua existência impera a situação de 1 co-esposa), em que ganha expressão a não adesão a qualquer fé religiosa e em que o protestantismo é a religião com maior adesão.

Contextos em que a agricultura se dissipa como ocupação maioritária e em que, sobretudo, o emprego se reveste de uma forte dispersão por novas áreas e serviços (e em que as gerações mais velhas e intermédias, como as mais jovens, acedem a empregos qualificados), em que o marido tem mais escolaridade, em que a prática da circulação de crianças é menos evidente, em que as gerações mais velhas já revelam características próximas das mais inovadoras, em que o celibato se prolonga no tempo, em que a educação das crianças se reparte pelas mães, por outros familiares e, novidade, por cuidados de terceiros (empregadas).¹⁹

Outras questões parecem, mesmo em contextos em que se revelam mais fortes os novos comportamentos fecundos, enraizadas no que designamos de sociedades tradicionais, como sejam a ainda falta de solidariedade entre cônjuges (as mudanças são ainda muito ténues e mais ao nível dos grupos mais escolarizados, tanto ao nível de decisões domésticas como ao nível de decisões em matéria de contracepção ou representações quanto à fecundidade), o que remete para uma mais forte alteração do estatuto da mulher, de forma isolada, cujas repercussões na forma de organização familiar não serão ainda totalmente visíveis (de referir que as mulheres da Cidade de Maputo revelam autonomia na tomada de decisão quanto ao dinheiro, sobretudo as gerações mais jovens).

Mas será, sem dúvida, uma condição ou um factor motivador para essas alterações. Chesnais alertava para a importância do estatuto relativo dos sexos e das condições e modos de vida como factor influenciador de mudanças nos valores da esperança de vida dos indivíduos (passagem de padrões tradicionais para semelhantes aos dos países desenvolvidos), portanto ainda antes das alterações nos comportamentos fecundos (Chesnais, 1986, p.355). Indicadores possíveis para a redefinição desse estatuto passarão por mudanças nos padrões demográficos, económicos, sociais e culturais, que se operacionalizam, por exemplo na elevação da idade média no casamento (Chesnais, 1986, p.356, 357; Hertrich, 1997; Locoh, 2002; Chojancka, 1993); no aumento do nível de instrução; no acesso a meio urbano; no acesso a ocupações não agrícolas. Esses indicadores e respectivas evoluções em determinados contextos ditarão mudanças na fecundidade.

¹⁸ Gaspar *et al* (1998, p.18), apontam, na verdade, para a carência de habitação, nas áreas urbanas e para o elevado custo de construção nesse meio.

¹⁹ Para um aprofundamento desta análise, cf. Cardoso (2004, 208-210).

Bibliografia

- BANDEIRA, Mário Leston (2004), *Demografia. Objecto, teorias e métodos*, Lisboa: Escolar Editora.
- BANDEIRA, Mário Leston (1996a), *Demografia e Modernidade. Família e Transição Demográfica em Portugal*, Coleção Análise Social, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- BANDEIRA, Mário Leston (1996b), "Teorias da população e modernidade: o caso português", *Análise Social*, vol. XXXI (135): 7-43.
- BONGAARTS, John (1978), "A framework for analyzing the proximate determinants of fertility", *Population and development review*, Vol. 4, n.º 1: 105-132
- BONGAARTS, John, FRANK, Odile, e LESTHAEGHE, Ron (1984), "The proximate determinants of fertility in sub-Saharan Africa", *PDR*, Vol. 110, n.º 3: 511-537
- CALDWELL, John C. (1968), *Population Growth and Family Change in Africa. The New Urban Elite in Ghana*, Canberra: Australian National University Press.
- CALDWELL, John C. (1976), "Toward a restatement of demographic transition theory", *Population and Development Review*, Vol. 2, n.º 2-3: 321-366.
- CALDWELL, John C et al. (1999), "The Bangladesh fertility decline: an interpretation", *Population and Development Review*, Vol. 25, n.º 1: 67-84.
- CARDOSO, Sónia (2004), *Demografia Africana: o caso da fecundidade em Moçambique*, ISCTE, Lisboa, Dissertação de Mestrado em Demografia e Sociologia da População.
- CHESNAIS, Jean-Claude (1986), *La Transition Démographique. Étapes, formes, implications économiques*, col. Travaux et Documents, n.º 113, Paris : INED/PUF.
- CHESNAIS, Jean-Claude (1998), "La population des États-Unis depuis 1945", *Population & Sociétés*, n.º 336, Paris : INED.
- CHOJNACKA, Helena (1993), "La nuptialité dans les premières étapes de la transition démographique", *Population*, n.º 2, Paris, INED : 307-324.
- DUPAQUIER, Jacques (1972), "De l'animal à l'homme: le mécanisme autorégulateur des populations traditionnelles", *Revue de l'Institut de Sociologie*, n.º 2, Éditions de l'Université de Bruxelles : 177-221.
- FIALHO, José (1987), "Sexualidade e Antropologia – A sexualidade como fundamento de ordem e fonte de perigo. O caso dos Thonga do Sul de Moçambique" in GOMES, Francisco Allen, ALBUQUERQUE, Afonso de, e NUNES, J. Silveira (coords.), *Sexologia em Portugal*, Lisboa: Texto Editora.
- GASPAR, Manuel da Costa, Humberto. A. Cossa, Clara Ribeiro dos Santos, Rosa Marlene Manjate e Juan Schoemaker, (1998). *Moçambique, Inquérito Demográfico e de Saúde, 1997*. Calverton, Maryland, USA: Instituto Nacional de Estatística e Macro International Inc.
- HAJNAL, John (1965), "European Marriage Patterns in Perspective", in GLASS, D. V., EVERSLEY, D. E. C. (eds.), *Population in History*, Londres: 101-143.
- HERTRICH, Véronique (1996), *Permanences et Changements de l'Afrique Rurale: Dynamiques familiales chez les Bwa du Mali*, Les Études du CEPED, n.º 14, Paris : CEPED.
- HERTRICH, Véronique, e PILON, Marc (1997), "Les changements matrimoniaux en Afrique", *La Chronique du CEPED*, n.º 26, Paris : CEPED.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1998), *II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997. Indicadores Sócio-Demográficos – Cidade de Maputo*, Maputo: INE

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1999), *II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997. Resultados Definitivos – Moçambique*, Maputo: INE

LOCOH, Thérèse (1989), “La fécondité en Afrique Noire: un progrès rapide dans la connaissance du phénomène mais un avenir encore difficile à discerner”, *Étude de la Population Africaine*, n.º 2, Paris: CEPED/Unité de recherche Démographique (URD) – Lomé: 37-66.

LOCOH, Thérèse, e MAKDESSI, Yara (1995), “Baisse de la fécondité: la fin de l’exception africaine”, *La Chronique du CEPED*, n.º 18, Paris : CEPED.

LOCOH, Thérèse, e MAKDESSI, Yara (1996), *Politique de population et baisse de la fécondité en Afrique Sub-Saharienne*, Les Dossiers du CEPED, n.º 44, Paris : CEPED

LOCOH, Thérèse (1997), “Structures Familiales : l’Apport de la Démographie”, in PILON, Marc, LOCOH, Thérèse, VIGNIKIN, Émilien, e VIMARD, Patrice (dirs.), *Ménages et familles en Afrique. Approches des dynamiques contemporaines*, Les Études du CEPED, n.º 15, Lomé, Paris: CEPED/ENSEA/INS/ORSTOM/URD : 11-29

LOCOH, Thérèse, e VALLIN, Jacques (1998), “Afrique noire: la baisse de la fécondité”, *Population & Sociétés*, n.º 338, Paris: INED

LOCOH, Thérèse (2002a), “Structures familiales et évolutions de la fécondité dans les pays à fécondité intermédiaire d’Afrique de l’Ouest”, *Expert Group Meeting on Completing the fertility transition*, Population Division, New York: Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat.

LOCOH, Thérèse (2002b), “Les facteurs de la formation des couples”, in CASELLI, Graziella, VALLIN, Jacques, e WUNSCH, Guillaume (dirs.), *Démographie: Analyse et synthèse. II – Les Déterminants de la Fécondité*, Paris: INED: 103-142

PILON, Marc, LOCOH, Thérèse, VIGNIKIN, Émilien, e VIMARD, Patrice (dirs.) (1997), *Ménages et familles en Afrique. Approches des dynamiques contemporaines*, Les Études du CEPED, n.º 15, Lomé, Paris: CEPED/ENSEA/INS/ORSTOM/URD

VAN DE WALLE, Etienne (1996), “L’âge au mariage: tendances récentes”, in FOOTE, Karen, HILL, Kenneth H., e MARTIN, Linda (eds.), *Changements Démographiques en Afrique Subsaharienne*, Travaux et Documents, cahier n.º 135, Paris: INED/PUF: 119-150